

Incidente/procedimento/execução	A Taxa de justiça normal (UC)	B Taxa de justiça agravada (UC) (artigo 13.º, n.º 3)
Quando as diligências de execução não forem realizadas por oficial de justiça:		
Até € 30 000	0,25	0,375
Igual ou superior a € 30 000,01	0,5	0,75
Execução por custas/multas/coimas (a suportar pelo executado):		
Até € 30 000	2	2
Igual ou superior a € 30 000,01	4	4
Reclamação de créditos:		
Até € 30 000	2	2
Igual ou superior a € 30 000,01	4	4
Oposição à execução ou à penhora/embargos de terceiro:		
Até € 30 000	3	3
Execuções de valor igual ou superior a € 30 000,01	6	6
Requerimento de injunção:		
Valores até € 5 000	0,5	0,75
De € 5 000 a € 15 000	1	1,5
A partir de € 15 000,01	1,5	2,25
Requerimento de injunção de pagamento europeia:		
Valores até € 5 000	1	1,5
De € 5 000 a € 15 000	2	3
A partir de € 15 000,01	3	4,5
Reclamações, pedidos de rectificação, de esclarecimento e de reforma da sentença	0,25 a 3	0,25 a 3
Processos da competência do Ministério Público previstos no Decreto-Lei n.º 272/2001, de 13 de Outubro	0,75	0,75

TABELA III

(a que se referem os n.ºs 7 e 9 do artigo 8.º do Regulamento)

Acto processual	Taxa de justiça (UC)
Acusação particular	1 a 3
Requerimento de abertura de instrução pelo arguido	1 a 3
Recurso do despacho de pronúncia	1 a 5
Recurso do despacho de não pronúncia	3 a 6
Contestação/oposição:	
Processo comum	2 a 6
Processos especiais	1/2 a 3
Condenação em 1.ª instância sem contestação ou oposição:	
Processo comum	2 a 6
Processos especiais	1/2 a 2
<i>Habeas corpus</i>	1 a 5
Processos tutelares educativos	1 a 5
Recurso para o tribunal da relação	3 a 6
Recurso para o tribunal da relação (artigo 430.º do CPP)	4 a 8
Recurso para o Supremo Tribunal de Justiça	5 a 10
Reclamações e pedidos de rectificação	1 a 3
Recursos de fixação de jurisprudência (artigos 437.º e 446.º do CPP)	1 a 5
Recurso de revisão	1 a 5
Impugnação judicial em processo contra-ordenacional	1 a 5

TABELA IV

(a que se referem os n.ºs 2, 4, 5 e 6 do artigo 17.º do Regulamento)

Categoria	Remuneração por serviço/deslocação	Remuneração por fracção/página/palavra
Peritos e peritagens	1 UC a 10 UC (serviço)	1/10 UC (página).
Traduções	—	1/3777 UC (palavra).
Intérpretes	1 UC a 2 UC (serviço)	—
Testemunhas	1/500 UC (quilómetro)	—
Consultores técnicos	1 UC a 10 UC (serviço)	1/15 UC (página).
Liquidatários, administradores e entidades encarregadas da venda extrajudicial.	1/255 UC (quilómetro) + até 5 % do valor da causa ou dos bens vendidos ou administrados, se este for inferior.	—

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Decreto-Lei n.º 32/2012

de 13 de fevereiro

O presente decreto-lei estabelece as disposições necessárias à execução do Orçamento do Estado para 2012, aprovado pela Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Este decreto-lei é marcado pela necessidade de garantir um efetivo e rigoroso controlo da execução orçamental, pois dele depende a boa aplicação da política definida no Orçamento do Estado para 2012, a inversão do ciclo orçamental e, finalmente, o cumprimento das metas orçamentais do Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF).

Neste domínio destaca-se pela sua relevância a clarificação da matéria do registo de compromissos orçamentais, ficando mais claro o que os serviços e organismos da Administração Central devem manter registado e atualizado nos sistemas informáticos da Direção-Geral do Orçamento, permitindo um mais rigoroso acompanhamento da execução orçamental.

Relativamente ao dever de informação, continua a estabelecer-se a obrigatoriedade de disponibilização pelos serviços e organismos de um conjunto substancial de elementos informativos, de modo a permitir a permanente verificação do cumprimento dos objetivos da execução orçamental para 2012.

Deve destacar-se, ainda, a importância da utilização intensiva das tecnologias de informação e comunicação nos procedimentos de informação relativos ao controlo da execução orçamental.

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, a Associação Nacional de Municípios Portugueses e a Associação Nacional de Freguesias.

Assim:

Nos termos da alínea *a*) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Disposições iniciais

Artigo 1.º

Objeto

O presente diploma estabelece as disposições necessárias à execução do Orçamento do Estado para 2012, aprovado pela Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 2.º

Aplicação do Regime da Administração Financeira do Estado

1 — É mantido em vigor para o ano de 2012 o disposto no n.º 2 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março.

2 — Fica a Direção-Geral do Orçamento (DGO) autorizada a proceder às alterações da classificação orgânica necessárias à concretização da plena adesão das instituições referidas no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março, ao Regime da Administração Financeira do Estado, desde que reunidas as condições técnicas.

CAPÍTULO II

Disciplina orçamental

SECÇÃO I

Disposições comuns

Artigo 3.º

Âmbito

1 — A presente secção aplica-se a todas as entidades previstas no artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada pela Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, alterada e republicada pela Lei n.º 52/2011, de 13 de outubro, e a todas as entidades públicas do Serviço Nacional de Saúde (SNS), doravante designadas como «entidades».

2 — Sem prejuízo do princípio da independência orçamental, estabelecido no n.º 2 do artigo 5.º da Lei de Enquadramento Orçamental, a presente secção é aplicável aos subsectores regional e local, incluindo as entidades reclassificadas nestes subsectores.

Artigo 4.º

Assunção de compromissos

1 — Até ao 5.º dia útil de cada mês devem as entidades determinar os fundos disponíveis de acordo com o disposto no n.º 6 do artigo 82.º

2 — Os compromissos assumidos não podem ultrapassar os fundos disponíveis.

3 — Nenhum compromisso pode ser assumido sem que tenham sido cumpridas as seguintes condições:

a) Verificada a conformidade legal da despesa, nos termos da lei;

b) Registado no sistema informático de apoio à execução orçamental;

c) Emitido um número de compromisso válido e sequencial que é refletido na ordem de compra, nota de encomenda ou documento equivalente.

4 — As entidades são responsáveis por manter registos permanentemente atualizados dos fundos disponíveis, compromissos, passivos, contas a pagar e pagamentos em atraso, especificados pela respetiva data de vencimento.

5 — O cumprimento do previsto no n.º 2 do presente artigo será verificado através das declarações eletrónicas das entidades, nos suportes informáticos relevantes, pelas seguintes instituições:

a) DGO, no subsector da Administração Central e no subsector da Administração Regional;

b) Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS), no SNS;

c) Direção-Geral das Autarquias Locais (DGAL), no subsector da Administração Local;

d) Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, I. P. (IGFSS, I. P.), no subsector da Segurança Social.

6 — O incumprimento do disposto nos n.ºs 1 a 3 é comunicado pelas entidades referidas no número anterior aos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e da respetiva tutela para efeitos de auditoria, e à DGO, para efeitos de publicação mensal da lista das entidades incumpridoras e da natureza do incumprimento.

Artigo 5.º

Compromissos plurianuais

1 — Os compromissos plurianuais das entidades da Administração Central são registados obrigatoriamente na base de dados central disponibilizada e mantida pela DGO.

2 — As instituições referidas nas alíneas b) a d) do n.º 5 do artigo 4.º são responsáveis por centralizar a informação relativa a cada subsector.

Artigo 6.º

Sanções por incumprimento

1 — O não cumprimento das normas previstas no presente diploma e na demais legislação aplicável à execução orçamental dá lugar:

a) Ao apuramento de responsabilidades financeiras nos termos da Lei n.º 98/97, de 26 de agosto, alterada pela Lei n.º 87-B/98, de 31 de dezembro, pela Lei n.º 1/2001, de 4 de janeiro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, pela Lei n.º 48/2006, de 29 de agosto, pela Lei n.º 35/2007, de 13 de agosto, pela Lei n.º 3-B/2010, de 28 de abril, pela Lei n.º 61/2011, de 7 de dezembro, e pela Lei n.º 2/2012, de 6 de janeiro;

b) À retenção de montante igual ao da infração até ao limite de um duodécimo da dotação orçamental, ou da transferência do Orçamento do Estado, subsídio ou adiantamento para a entidade incumpridora, no mês seguinte ao incumprimento e enquanto durar.

2 — Os montantes a que se refere o número anterior são repostos no mês seguinte ao da correção da infração.

SECÇÃO II

Administração Central

Artigo 7.º

Cativações

1 — As cativações previstas no artigo 3.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, são registadas nos sistemas informáticos da DGO até ao quinto dia útil seguinte à entrada em vigor do presente diploma.

2 — As transferências do Orçamento do Estado para os serviços e fundos autónomos são sujeitas às cativações referidas no número anterior.

3 — As redistribuições a que se refere o n.º 6 do artigo 3.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, são

efetuadas através de alterações orçamentais no âmbito da gestão flexível.

4 — A libertação de fundos relativa ao mês de fevereiro de 2012 apenas pode ser realizada pela DGO após a verificação da correção do registo dos cativos previstos na Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 8.º

Alterações orçamentais

1 — Os serviços integrados e os serviços e fundos autónomos podem efetuar alterações orçamentais com recurso à gestão flexível.

2 — Para efeitos da aplicação do presente artigo entende-se por «gestão flexível» as alterações orçamentais entre serviços integrados ou entre serviços e fundos autónomos ou entre aqueles subsectores, dentro de um mesmo programa, com exclusão das seguintes:

a) As que tenham como consequência um aumento da despesa, após aplicação dos cativos previstos na lei, sem compensação em receita, no caso dos serviços integrados, ou uma diminuição do saldo global dos serviços e fundos autónomos;

b) As que envolvam uma redução das verbas orçamentadas nas despesas com pessoal dos subagrupamentos remunerações certas e permanentes e segurança social, salvo se compensada entre estes dois subagrupamentos;

c) As que se destinem a reforçar as dotações para funcionamento, tendo como contrapartida verbas afetas a investimento;

d) As que se destinem a uma finalidade diferente, tendo como contrapartida dotações orçamentais afetas a projetos ou atividades cofinanciados por fundos europeus;

e) As que se destinem a reforçar ou a inscrever dotações visando despesas com material de transporte, salvo as exceções previstas no artigo 32.º;

f) As que envolvam dotações relativas a transferências para a Administração Local, Administração Regional, Segurança Social ou empresas públicas ou equiparadas;

g) As que envolvam o reforço, inscrição ou anulação de dotações relativas a ativos ou passivos financeiros por contrapartida de outras rubricas, incluindo as operações previstas no artigo 84.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro;

h) As que envolvam saldos de gerência ou dotações do ano anterior cuja utilização seja permitida por lei;

i) As que procedam a reafetações de dotações que tiveram reforço com contrapartida na dotação provisional ou na integração de saldos de gerência.

3 — Estão sujeitas a autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças todas as alterações orçamentais:

a) Previstas nas alíneas do número anterior;

b) Que tenham como contrapartida a dotação provisional;

c) Que lhe sejam especificamente cometidas por lei.

4 — São da competência do membro do Governo com responsabilidade na área em causa todos os atos de gestão flexível relativos a competências do Governo previstas no artigo 51.º da Lei de Enquadramento Orçamental não referidos no número anterior, e as alterações que tenham

sido autorizadas pela Assembleia da República, nos termos do artigo 12.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

5 — São da competência dos dirigentes dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos os atos de gestão flexível que digam respeito apenas ao respetivo orçamento, com exclusão dos que carecem de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças e pela área em causa, sem prejuízo do disposto no artigo 20.º

6 — Dentro de cada ministério, mediante autorização do membro do Governo responsável pela área em causa, as receitas próprias podem ser reafetadas desde que pertençam ao mesmo programa orçamental.

7 — As instituições do ensino superior são competentes para proceder às alterações orçamentais constantes do n.º 2, com exceção do disposto nas alíneas g) e h) do mesmo número e do n.º 4.

8 — As alterações orçamentais decorrentes de aumento de receitas próprias, incluindo as decorrentes de integrações de saldos, são efetuadas prioritariamente a favor das classificações económicas 01.01 — «Remunerações certas e permanentes» ou 01.03 — «Segurança social», desde que estas registem necessidades de financiamento, e a favor da redução dos pagamentos em atraso.

9 — O registo das alterações orçamentais é efetuado pelos serviços e organismos, nos sistemas contabilísticos, após o despacho de autorização, só podendo ser registada a inscrição ou o reforço das dotações da despesa após o registo do correspondente movimento de contrapartida que o suporta.

Artigo 9.º

Transição de saldos

1 — Ainda que com prejuízo dos respetivos diplomas orgânicos e dos diplomas que definem os regimes sectoriais, os saldos dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos com origem em receitas gerais são entregues na Tesouraria do Estado, no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente diploma.

2 — Excetuam-se do disposto no número anterior:

a) Os saldos correspondentes à contrapartida nacional de projetos cofinanciados;

b) Os saldos das instituições do ensino superior, que transitam nos termos do disposto no artigo 114.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro.

3 — Os saldos de receitas próprias e de fundos europeus dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos apurados na execução orçamental de 2011 transitam para 2012.

4 — Os saldos a que se refere o número anterior, desde que não consignados, são abatidos do valor das descativações de receitas gerais e reforços da dotação provisional processados a favor do serviço no ano anterior, devendo estes montantes ser entregues na Tesouraria do Estado, no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente diploma.

5 — Para efeitos do disposto no n.º 3, sempre que os saldos resultem de receitas provenientes do orçamento da segurança social e que não tenham tido origem em receitas gerais do Estado, ou que tenham tido origem em transferências de serviços integrados e serviços e fundos autónomos cujo financiamento foi assegurado pelo orçamento da segurança social, os mesmos devem ser entregues, nos termos referidos, ao Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, I. P. (IGFSS, I. P.).

6 — Excetua-se do disposto no número anterior a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).

7 — O saldo apurado na execução orçamental de 2011 da Casa Pia de Lisboa, I. P. (CPL, I. P.), resultante da alienação de património, bem como o resultante do seu direito de sucessão em créditos de organismos do Estado extintos, são integrados no orçamento da CPL, I. P., para o ano de 2012, destinando-se a despesas com a construção ou a aquisição de imóveis para aumentar e diversificar a capacidade de resposta em acolhimento por parte desta instituição.

8 — A aplicação em despesa dos saldos transitados só pode ser efetuada através de créditos especiais e após autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças.

9 — Os saldos referidos nos n.ºs 2 e 3 devem ser integrados no Orçamento do Estado, até 30 de maio de 2012.

10 — Os saldos de anos anteriores que não transitem para 2012 devem obrigatoriamente ser entregues na Tesouraria do Estado ou no IGFSS, I. P., até 15 dias úteis após a publicação do presente diploma.

Artigo 10.º

Cabimentação

Os serviços e organismos da Administração Central registam e mantêm atualizados nos seus sistemas informáticos próprios a cabimentação dos encargos prováveis programados para o ano de 2012.

Artigo 11.º

Prazos para autorização de pagamentos e cobrança de receita

1 — Não é permitido contrair encargos que não possam ser pagos até 7 de janeiro de 2013.

2 — A data limite para a entrada de pedidos de libertação de créditos e de solicitações de transferência de fundos na DGO é 17 de dezembro de 2012, salvo situações excecionais devidamente justificadas pelo membro do Governo responsável pela área em causa, e autorizadas pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

3 — Para os serviços integrados a data limite para a emissão de meios de pagamento é 28 de dezembro de 2012, podendo ser efetuadas reemissões de ficheiros de pagamentos, reportadas a 31 de dezembro, desde que a data-valor efetiva não ultrapasse a data limite definida no n.º 1.

4 — Consideram-se caducas todas as autorizações de pagamento que não tenham sido pagas no prazo referido no n.º 1.

5 — Nos termos do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 275 -A/93, de 9 de agosto, e 113/95, de 25 de maio, pela Lei n.º 10-B/96, de 23 de março, pelo Decreto-Lei n.º 190/96, de 9 de outubro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março, a cobrança de receitas originadas ou autorizadas até 31 de dezembro de 2012 pode ser realizada até 18 de janeiro de 2013, relevando para efeitos da execução orçamental de 2012.

Artigo 12.º

Regime duodecimal

1 — Em 2012, a execução orçamental financiada por receitas gerais é efetuada de acordo com o regime duodecimal.

2 — Excetuam-se do disposto no número anterior as dotações:

- a) Destinadas ao pagamento de contribuições e de quotas para organizações internacionais;
- b) Inscritas nos capítulos 60 e 70 do orçamento do Ministério das Finanças;
- c) Destinadas ao pagamento dos encargos da dívida.

3 — Os responsáveis dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos podem autorizar a antecipação de duodécimos por rubrica, dentro do limite global do mesmo duodécimo da dotação anual abatida de cativos.

4 — Mediante autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças, podem ser antecipados, total ou parcialmente, os duodécimos de dotações inscritas no Orçamento do Estado.

Artigo 13.º

Libertação de créditos e solicitações de transferência de fundos

1 — Os pedidos de libertação de créditos e as solicitações de transferência de fundos referentes a financiamento europeu, processados nos termos do n.º 2 do artigo 17.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 275-A/93, de 9 de agosto, e 113/95, de 25 de maio, pela Lei n.º 10-B/96, de 23 de março, pelo Decreto-Lei n.º 190/96, de 9 de outubro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março, devem, para os efeitos do artigo 18.º do mesmo decreto-lei, ser acompanhados dos comprovativos das correspondentes ordens de pagamento sobre o Tesouro.

2 — O não cumprimento do disposto no número anterior e na alínea f) do n.º 1 do artigo 20.º constitui motivo de recusa de autorização dos pedidos de libertação de créditos, nos termos dos n.ºs 1 e 2 do artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 275-A/93, de 9 de agosto, e 113/95, de 25 de maio, pela Lei n.º 10-B/96, de 23 de março, pelo Decreto-Lei n.º 190/96, de 9 de outubro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março.

3 — Constitui, igualmente, motivo de recusa dos pedidos de libertação de créditos ou de solicitações de transferências de fundos referentes a despesas que tenham como fonte de financiamento receitas gerais afetas a projetos cofinanciados o não envio das candidaturas aprovadas ou o não envio de declaração da autoridade de gestão ou de representante de organismo intermédio com indicação do número de candidaturas, data da aprovação e montante global aprovado.

4 — Os serviços e fundos autónomos só podem emitir pedidos de libertação de créditos ou de solicitações de transferências de fundos após terem sido esgotadas as verbas provenientes de receitas próprias e ou de disponibilidades de tesouraria por si geradas, incluindo saldos de gerência transitados e autorizados, devendo os respetivos montantes ser, para o efeito, justificados com base na previsão de pagamentos para o respetivo mês, por subagrupamento da classificação económica, através do envio de um mapa de origem e aplicação de fundos, segundo modelo definido pela DGO.

5 — Os serviços integrados só podem utilizar as dotações inscritas no Orçamento do Estado após esgotadas as suas receitas próprias não consignadas a fins específicos.

6 — No cumprimento do disposto nos n.ºs 4 e 5, excetuando as transferências com compensação em receitas próprias e as inscritas no capítulo 50, podem ser cativadas as transferências correntes e de capital para os serviços e fundos autónomos cuja execução orçamental ou em relação aos quais as auditorias realizadas pelo Ministério das Finanças não demonstrem a necessidade da utilização integral daquele financiamento.

Artigo 14.º

Prazos de pagamento

1 — Os coordenadores dos programas orçamentais efetuam o acompanhamento dos prazos médios de pagamento e reportam, trimestralmente, ao respetivo membro do Governo e ao membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — Os serviços e os organismos da administração direta e indireta do Estado e as empresas públicas com um prazo médio de pagamentos superior a 90 dias são obrigados a divulgar, nos respetivos sítios da Internet, e a atualizar, trimestralmente, até ao fim do mês seguinte ao final de cada trimestre, uma lista das suas dívidas certas, líquidas e exigíveis há mais de 60 dias.

3 — A DGO compila e divulga trimestralmente a lista dos serviços e organismos da administração direta e indireta do Estado que tenham dívidas com um prazo médio de pagamentos superior a 90 dias.

4 — É obrigatória a inclusão nos contratos de aquisição de bens e serviços, celebrados por serviços e organismos da administração direta e indireta do Estado ou por empresas públicas, da menção expressa às datas ou aos prazos de pagamento, bem como as consequências que, nos termos da lei, advêm dos atrasos de pagamento.

Artigo 15.º

Fundos de manei

1 — Os fundos de manei a que se refere o artigo 32.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 275-A/93, de 9 de agosto, e 113/95, de 25 de maio, pela Lei n.º 10-B/96, de 23 de março, pelo Decreto-Lei n.º 190/96, de 9 de outubro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março, podem ser constituídos por um valor a definir pelos órgãos dirigentes dos serviços e organismos, até ao limite máximo de um duodécimo da dotação do respetivo orçamento, líquida de cativos.

2 — A constituição de fundos de manei por montante superior ao referido no número anterior é sujeita à autorização dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela área em causa.

3 — A liquidação dos fundos de manei é obrigatoriamente efetuada até 9 de janeiro do ano seguinte àquele a que respeitam, com exceção dos fundos de manei criados com vista a suportar encargos decorrentes da atividade das Forças Armadas no exterior, que deverão ser liquidados até 31 de janeiro.

Artigo 16.º

Unidade de tesouraria

1 — No cumprimento do previsto no artigo 89.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, as entidades nele referidas são obrigadas a fazer prova da execução do prin-

cípio da unidade de tesouraria através do registo mensal nos serviços on-line da DGO do saldo no final do mês dos depósitos e aplicações financeiras junto do IGCP, e das instituições bancárias, e respetivas receitas próprias arrecadadas, bem como das disponibilidades e aplicações mantidas na banca comercial e respetivos rendimentos auferidos.

2 — O incumprimento do previsto no número anterior ou a prestação de informação incorreta são equiparados, para todos os efeitos, ao incumprimento do princípio de unidade de tesouraria, dando lugar à aplicação do previsto no n.º 5 do artigo 89.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

3 — As sanções previstas no n.º 5 do artigo 89.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, são objeto de proposta da DGO e efetivação pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

4 — Os rendimentos de depósitos e de aplicações financeiras, auferidos pelos serviços e fundos autónomos em virtude do não cumprimento do princípio da unidade de tesouraria e respetivas regras, constituem receitas gerais do Estado do corrente exercício orçamental.

5 — São dispensados do cumprimento da unidade de tesouraria:

- a) As escolas do ensino não superior;
- b) Os casos excecionais, devidamente autorizados todos os anos por despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças após parecer do IGCP, caducando automaticamente as autorizações concedidas em exercícios anteriores, salvo as que resultem de lei especial;
- c) A Caixa Geral de Aposentações, I. P.

6 — O princípio da unidade de tesouraria é aplicável às instituições do ensino superior, incluindo as de natureza fundacional, nos termos previstos no artigo 115.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro.

Artigo 17.º

Cartão «Tesouro Português»

1 — Os pagamentos que sejam efetuados por meios eletrónicos ou através de cartão de crédito pelas entidades sujeitas ao princípio da unidade de tesouraria só podem ser realizados mediante a utilização do cartão «Tesouro Português».

2 — O cartão «Tesouro Português» deve ser o meio de pagamento utilizado sempre que tal utilização resulte na aquisição de bens ou serviços em condições mais favoráveis.

3 — O cartão «Tesouro Português» pode ser emitido em nome dos titulares dos cargos de direção superior, ou equiparados, bem como dos dirigentes e funcionários que tenham competência, própria ou delegada, para efetuar aquisições de bens e serviços.

4 — O IGCP, mediante solicitação e no prazo máximo de um mês, assegura que todas as entidades sujeitas à unidade de tesouraria possuem o cartão «Tesouro Português», disponibilizando igualmente a informação necessária a sua utilização.

5 — O IGCP assegura que o cartão «Tesouro Português» é aceite como meio de pagamento junto dos prestadores de bens ou serviços, incluindo os disponibilizados através da Internet.

Artigo 18.º

Adoção e aplicação do POCP na administração central

1 — É obrigatória a adoção do Plano Oficial de Contabilidade Pública (POCP) nos serviços integrados e nos serviços e fundos autónomos.

2 — O disposto no número anterior é implementado para os serviços integrados mediante a adesão a uma das modalidades disponibilizadas pela Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública, I. P. (ESPAP, I. P.).

3 — O calendário de adesão em qualquer das modalidades acima definidas é mantido atualizado no sítio da Internet da DGO.

4 — A prestação de contas de acordo com as regras do POCP dos orçamentos da responsabilidade técnica e logística das secretarias-gerais é realizada através das seguintes entidades contabilísticas autónomas:

a) Orçamento de funcionamento dos gabinetes governamentais;

b) Orçamento de funcionamento das secretarias-gerais dos respetivos Ministérios, dos Sistemas de Mobilidade Especial, e outras estruturas orgânicas dependentes das secretarias-gerais.

5 — O orçamento e a execução orçamental de cada estrutura orgânica integrada na entidade contabilística referida no número anterior são individualizados em divisão ou subdivisão própria.

6 — A prestação de contas dos organismos referidos nos números anteriores é efetuada segundo um regime simplificado, sendo obrigatória a apresentação individual dos documentos que constam da Instrução n.º 1/2004, de 22 de janeiro, do Tribunal de Contas, e dispensada a apresentação do Balanço e Demonstração de Resultados e Anexos às Demonstrações Financeiras.

7 — As entidades contabilísticas autónomas referidas no n.º 5 apresentam o Balanço e Demonstração de Resultados e Anexos às Demonstrações Financeiras.

8 — Quando os princípios da economia, eficiência e eficácia o aconselhem, a agregação numa única entidade contabilística e a adoção do regime simplificado de prestação de contas podem ser autorizadas pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

9 — Pode a DGO proceder à desagregação das contas prevista no POCP, aprovadas pelo Decreto-Lei n.º 232/97, de 3 de setembro, e das previstas no POC-Educação, aprovado pela Portaria n.º 794/2000, de 20 de setembro, para os fins definidos no n.º 3 do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março.

10 — A DGO disponibiliza, durante o ano de 2012, a especificação técnica e informática para a receção da informação em POCMS das entidades do sector da saúde.

11 — A DGO e a DGAL disponibilizam, durante o ano de 2012, as instruções necessárias à normalização de procedimentos contabilísticos na vertente orçamental e patrimonial no âmbito da aplicação do POCAL.

Artigo 19.º

Sistema de Gestão de Receitas

No cumprimento do disposto no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 301/99, de 5 de agosto, os serviços integrados utilizam o Sistema de Gestão de Receitas (SGR), de acordo com o calendário e os procedimentos a divulgar no sítio da DGO.

Artigo 20.º

Competências e deveres dos coordenadores dos programas orçamentais

1 — No cumprimento do previsto na Lei de Enquadramento Orçamental e no Decreto-Lei n.º 131/2003, de 28 de junho, cabe à entidade coordenadora do programa orçamental:

a) Apresentar mensalmente uma projeção de despesa até ao final do ano para o conjunto do programa;

b) Analisar os desvios de execução relativamente ao programado;

c) Definir os indicadores de economia, eficiência e eficácia do Programa, nomeadamente os respetivos objetivos e metas;

d) Avaliar o grau de realização dos objetivos do Programa e produzir os relatórios de acompanhamento e controlo da execução financeira e material;

e) Propor as alterações que considere indispensáveis ao cumprimento dos objetivos do programa orçamental, tendo em conta as competências definidas na lei;

f) Emitir parecer prévio sobre a inscrição de novas medidas, projetos e reinscrições de projetos;

g) Emitir parecer prévio sobre as alterações orçamentais que careçam de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças ou pela área em causa;

h) Proceder à repartição regionalizada ao nível de Nomenclatura de Unidade Territorial (NUT) II do Programa.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, a entidade coordenadora tem o dever de colaborar com o Ministério das Finanças, com vista à concretização da orçamentação por programas e à definição do quadro plurianual.

Artigo 21.º

Regime aplicável às entidades públicas reclassificadas

1 — As entidades públicas reclassificadas regem-se por um regime simplificado de controlo da execução orçamental, não lhes sendo aplicável o seguinte:

a) Cabimentação da despesa;

b) Alterações orçamentais, com exceção do disposto nas alíneas g) e h) do n.º 2 do artigo 8.º;

c) Transição de saldos;

d) Cativações;

e) Regime duodecimal.

2 — São aplicáveis às entidades públicas reclassificadas as restantes regras previstas no presente capítulo, incluindo as relativas a:

a) Assunção de compromissos previstas no artigo 84.º;

b) Prestação de informação previstas no capítulo respetivo da presente lei;

c) Unidade de tesouraria.

3 — As alíneas a) e c) do número anterior não são aplicáveis à SCML.

Artigo 22.º

Projetos a candidatar ao QREN

1 — As verbas relativas a projetos com candidaturas ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), quando

não derem origem a projetos de candidaturas aprovadas no âmbito do QREN, podem ser reafetadas a outras finalidades mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças e do membro do Governo coordenador da Comissão Ministerial de Coordenação do QREN.

2 — As verbas relativas a projetos aprovados no QREN, quando não demonstrem execução dentro dos prazos regulamentares, podem ser reafetadas a outras finalidades mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças e do membro do Governo coordenador da Comissão Ministerial de Coordenação do QREN.

Artigo 23.º

Descontos para os sistemas de benefícios de saúde

1 — Os descontos para a Assistência na Doença aos Servidores do Estado (ADSE) previstos no artigo 46.º do Decreto-Lei n.º 118/83, de 25 de fevereiro, alterado pelos Decretos-Leis n.º 90/98, de 14 de abril, 279/99, de 26 de julho, e 234/2005, de 30 de dezembro, pelas Leis n.º 53-D/2006, de 29 de dezembro, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 55-A/2010, de 31 de dezembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, têm lugar mesmo quando não haja prestação de trabalho:

a) Por ocorrência das eventualidades previstas no artigo 52.º da Lei n.º 4/2007, de 16 de janeiro, por iniciativa da entidade empregadora, logo que o trabalhador retome a prestação de trabalho, ou por iniciativa do trabalhador durante os períodos de ausência ao trabalho;

b) Por ocorrência das eventualidades previstas no artigo 13.º da Lei n.º 4/2009, de 29 de janeiro, alterada pela Lei n.º 10/2009, de 10 de março, através do desconto na respetiva remuneração, ou por dedução de idêntico montante no subsídio pago ao trabalhador, consoante o caso, durante os períodos de ausência ao trabalho.

2 — Para efeitos do disposto na alínea a) do número anterior, o pagamento dos valores devidos é feito em prestações mensais com o limite de 1 % da remuneração base.

3 — O disposto nos números anteriores é aplicável aos demais sistemas de benefícios de saúde da Administração Pública.

Artigo 24.º

Serviços processadores

Assumem as competências de serviços processadores, durante o ano de 2012, os gabinetes de gestão financeira, as secretarias-gerais e outros departamentos ou serviços que, através do sistema de informação contabilística, procedam a transferências para serviços e fundos autónomos, ou a transferência de verbas, por classificação económica, para serviços integrados.

Artigo 25.º

Entregas relativas aos descontos para a ADSE e para a CGA, I. P.

As entregas relativas a retenções destinadas à ADSE e à CGA, I. P., são efetuadas através do Documento Único de Cobrança (DUC).

Artigo 26.º

Parecer sobre operações de financiamento

1 — Ficam sujeitas a apreciação prévia do Instituto de Gestão da Tesouraria e do Crédito Público, I. P. (IGCP), con-

forme previsto na alínea m) do n.º 1 e no n.º 2 do artigo 6.º dos respetivos Estatutos, aprovados em anexo ao Decreto-Lei n.º 160/96, de 4 de setembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 28/98, de 11 de fevereiro, pela Lei n.º 87-B/98, de 31 de dezembro, e pelos Decretos-Leis n.ºs 2/99, de 4 de janeiro, 455/99, de 5 de novembro, 86/2007, de 29 de março, 273/2007, de 3 de junho, e 69-A/2009, de 24 de março, as operações de financiamento, nomeadamente empréstimos, realizadas pelos serviços e fundos dotados de autonomia administrativa e financeira, de montante superior a € 500 000.

2 — Ficam igualmente sujeitas à apreciação prévia do IGCP as operações de financiamento, nomeadamente empréstimos, realizadas pelos serviços e fundos referidos no número anterior que ultrapassem em cada ano o montante acumulado de endividamento de € 1 250 000.

Artigo 27.º

Reposição de montantes indevidamente recebidos

1 — A escrituração das reposições deve efetuar-se de acordo com as instruções emitidas pela DGO.

2 — Durante o ano económico de 2012, o Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P., pode optar por não recuperar montantes inferiores ou iguais a € 100, por agricultor, por pedido de ajuda ou por operação, e não conceder qualquer ajuda se, nas mesmas condições, o montante apurado for inferior ou igual a € 10.

3 — Para efeitos do disposto no artigo 37.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 275-A/93, de 9 de agosto, e 113/95, de 25 de maio, pela Lei n.º 10-B/96, de 23 de março, pelo Decreto-Lei n.º 190/96, de 9 de outubro, pela Lei n.º 55-B/2004, de 30 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 29-A/2011, de 1 de março, o montante mínimo de reposição a apurar em conta corrente e por acumulação para o ano de 2012 é de € 25.

4 — Durante o ano económico de 2012, o Instituto Portuário dos Transportes Marítimos, I. P., ou os organismos que sucedem nas suas atribuições e competências, podem optar por não recuperar os montantes inferiores ou iguais a € 25, por cliente, e não efetuar qualquer devolução se o diferencial da prestação do serviço for inferior ou igual a € 10.

Artigo 28.º

Dação de bens em pagamento

1 — O regime de dação de bens em pagamento constante dos artigos 87.º, 201.º e 202.º do Código de Procedimento e de Processo Tributário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 433/99, de 26 de outubro, é aplicável ao pagamento de todas as dívidas ao Estado, ainda que não se encontrem abrangidas por processo de execução fiscal.

2 — Os bens aceites em pagamento podem ser alienados ou onerados por qualquer das formas previstas na lei, podendo, designadamente, ser entregues para realizar capital social e outras prestações, ou ser objeto de locação financeira.

3 — Nos contratos de locação financeira celebrados nos termos do número anterior, podem o Estado e as restantes entidades públicas ceder entre si ou a uma sociedade de locação financeira a sua posição contratual.

4 — Os bens aceites em pagamento podem ser afetos a serviços e organismos públicos, ficando cativas nos respetivos orçamentos as importâncias correspondentes às reduções de encargos decorrentes dessa afetação.

5 — A aplicação das medidas previstas nos números anteriores depende, no caso de dívidas ao Estado, de despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças e, no caso de dívidas a outras entidades públicas, de despacho do membro do Governo responsável pela área em causa.

Artigo 29.º

Controlo do limite para as garantias a conceder por pessoas coletivas de direito público

Para efeitos de controlo do cumprimento do limite máximo para a concessão de garantias, previsto no n.º 4 do artigo 91.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, as pessoas coletivas de direito público devem:

- a) Solicitar à DGTF informação prévia sobre o cabimento das garantias a conceder;
- b) Informar a DGTF, trimestralmente, até ao dia 10 do mês seguinte ao trimestre a que respeitam, de todos os movimentos relativos às operações financeiras por si garantidas.

Artigo 30.º

Controlo do limite para a concessão de empréstimos e outras operações ativas

1 — Para efeitos de controlo do cumprimento do limite máximo para a concessão de empréstimos e outras operações ativas, previsto no n.º 2 do artigo 84.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, as pessoas coletivas de direito público devem:

- a) Solicitar à DGO informação prévia sobre o cabimento dos empréstimos e outras operações ativas a conceder;
- b) Registrar nos serviços *on-line* da DGO, mensalmente, até ao dia 10 do mês seguinte àquele a que respeitam, os movimentos relativos a empréstimos e operações ativas por si concedidas.

2 — A concessão de financiamentos no âmbito do empréstimo-quadro contratado entre a República Portuguesa e o Banco Europeu de Investimento é objeto de despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da coordenação do QREN, fixando as condições de acesso e de utilização dos financiamentos a conceder pelo Estado através do Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional, I. P. (IFDR, I. P.), às entidades beneficiárias do empréstimo-quadro.

3 — Para efeitos do disposto no número anterior, o IFDR, I. P., recebe mensalmente da DGTF os montantes por si indicados para execução dos financiamentos aprovados.

4 — O IFDR, I. P., presta informação trimestral, a reportar até ao final do mês subsequente, sobre as verbas desembolsadas a favor dos beneficiários dos financiamentos e os montantes por estes reembolsados ou recuperados.

5 — Os montantes reembolsados ou recuperados pelo IFDR, I. P., em cada trimestre, são transferidos para a DGTF até ao final do mês subsequente, para efeito da respetiva regularização orçamental.

Artigo 31.º

Pagamento de despesas decorrentes de acidentes em serviço e de doenças profissionais

Os n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, continuam suspensos, sendo repristinadas

as normas que permitem à Secretaria-Geral do Ministério das Finanças continuar a pagar diretamente aos interessados as despesas decorrentes de acidentes em serviço e de doenças profissionais.

Artigo 32.º

Regras sobre veículos e imóveis

1 — A aquisição, permuta, aluguer por prazo superior a 60 dias seguidos ou interpolados e locação operacional de veículos com motor para transporte de pessoas e de bens pelos serviços do Estado, incluindo todos os serviços e fundos autónomos, carecem de autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças, com exceção dos:

a) Destinados às funções de segurança, incluindo os financiados pela Lei de Programação de Instalações e Equipamentos das Forças de Segurança, aprovada pela Lei n.º 61/2007, de 10 de setembro, e à frota automóvel da Polícia Judiciária, da Direção-Geral dos Serviços Prisionais e da Direção-Geral da Reinserção Social, quando afetos exclusivamente ao exercício de poderes de autoridade, considerando-se como tal as funções de policiamento, de vigilância, de patrulhamento, as de apoio aos serviços de inspeção e de investigação e as de fiscalização de pessoas e de bens nas zonas de fronteira aérea, marítima e terrestre;

b) Destinados às funções de defesa nacional e financiados pela Lei de Programação Militar, aprovada pela Lei Orgânica n.º 4/2006, de 29 de agosto;

c) Veículos com características específicas de operacionalidade para combate a incêndios e para a proteção civil destinados à Autoridade Nacional de Proteção Civil;

d) Veículos com características específicas de operacionalidade para prevenção e combate de incêndios florestais e agentes bióticos, bem como os afetos à proteção, vigilância e fiscalização dos recursos naturais no território e águas sobre jurisdição nacional, destinados à Autoridade Florestal Nacional e ao Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I. P.;

e) Veículos de emergência médica e ambulâncias.

2 — Carecem também de autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças as aquisições onerosas e as permutas de bens imóveis, bem como a constituição onerosa de quaisquer outros direitos reais sobre bens imóveis a favor dos serviços do Estado, incluindo todos os serviços e fundos autónomos.

3 — O disposto no número anterior não se aplica aos casos que resultem de processo judicial pendente e para defesa dos créditos do Estado.

4 — Durante o ano de 2012, por cada aquisição onerosa de veículo novo para o Parque de Veículos do Estado, para efeitos de renovação de frota, são abatidos três veículos em fim de vida nos termos do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, alterado pela Lei n.º 3-B/2010, de 28 de abril, e pela Lei n.º 55-A/2010, de 31 de dezembro.

5 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, e para efeitos da renovação da frota, a substituição de veículos com mais de 10 anos, com elevados custos de manutenção ou em situação de inoperacionalidade e cuja reparação ou recuperação não se afigure técnica ou economicamente vantajosa, poderá efetuar-se por recurso à aquisição de veículos usados com idade entre os 3 a 4 anos

e com menos de 60 000 km, e que apresentem bom estado de conservação.

6 — A aquisição onerosa de veículos elétricos é aplicável o disposto no n.º 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, alterado pelas Leis n.ºs 3-B/2010, de 28 de abril, e 55-A/2010, de 31 de dezembro.

7 — Na aplicação do disposto nos números anteriores podem ser considerados os veículos existentes no âmbito do ministério a que pertence o serviço ou organismo adquirente.

8 — Em casos excecionais, devidamente fundamentados, pode ser autorizada a aquisição de veículos sem observância das regras previstas nos n.ºs 4 e 6, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

Artigo 33.º

Aplicação do produto da alienação ou oneração de bens imóveis

Salvo as exceções legalmente previstas, o produto da alienação e da oneração de bens imóveis que, nos termos da lei, reverta para o serviço ou organismo ao qual está afeto, ou para o serviço ou organismo titular dos direitos reais sobre o bem alienado ou onerado, destina-se prioritariamente ao pagamento de contas relativas à aquisição de bens de capital.

Artigo 34.º

Autorizações no âmbito de despesas com deslocações

1 — Durante o ano de 2012, os despachos a que se referem o n.º 2 do artigo 33.º do Decreto-Lei n.º 106/98, de 24 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro, e pela Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, o n.º 2 do artigo 2.º e o n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 192/95, de 28 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro, são da competência do membro do Governo responsável pela área em causa.

2 — As autorizações referidas no número anterior devem obedecer às orientações fixadas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2006, de 5 de maio.

Artigo 35.º

Indemnizações compensatórias

Sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 167/2008, de 26 de agosto, às empresas prestadoras de serviço público que ainda não tenham celebrado contrato com o Estado podem ser atribuídas indemnizações compensatórias por resolução do Conselho de Ministros.

Artigo 36.º

Procedimentos aquisitivos

Ficam excecionados da obrigatoriedade de cumprimento do disposto no n.º 1 do artigo 85.º os procedimentos aquisitivos centralizados desenvolvidos pelas Unidades Ministeriais de Compras ao abrigo dos Acordos Quadro celebrados pela Agência Nacional das Compras Públicas.

Artigo 37.º

Disposições específicas na aquisição de bens e serviços e contratos de empreitada

1 — Durante o ano económico de 2012, podem efetuar-se, com recurso a procedimentos por negociação ou ajuste direto, com consulta obrigatória a pelo menos três entida-

des, até aos limiares europeus, despesas com a aquisição de bens e serviços, incluindo os de informática, e com a contratação de empreitadas, que visem dar continuidade ou implementar novas medidas de consolidação orçamental que permitam, em termos globais, o aumento de receita ou a diminuição de despesa pública.

2 — A contratação nos termos do número anterior e o reconhecimento de outras situações excecionais suscetíveis de nele serem enquadradas carece de autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças, ou do membro do Governo responsável pela área da segurança social, quando se trate de organismo que integre o perímetro de consolidação orçamental da segurança social.

3 — Pode adotar-se o procedimento do concurso público urgente, previsto nos artigos 155.º e seguintes do CCP, na celebração de contratos de empreitada, desde que:

- a) Se trate de um projeto cofinanciado por fundos europeus;
- b) O valor do contrato seja inferior ao referido na alínea b) do artigo 19.º do CCP;
- c) O critério da adjudicação seja o do mais baixo preço.

4 — Sem prejuízo do disposto no artigo 156.º do CCP, ao procedimento de concurso público urgente adotado ao abrigo do número anterior é aplicável o disposto nos artigos 88.º a 91.º do CCP, quanto à exigência de caução.

5 — Ao procedimento de concurso público urgente adotado ao abrigo dos números anteriores é aplicável o prazo mínimo de 15 dias para apresentação de propostas.

6 — Ficam isentas da autorização prévia prevista na parte final do n.º 4 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 37/2007, de 19 de fevereiro, as despesas previstas no n.º 1 a que seja aplicável o n.º 1 do artigo 128.º do CCP, quando obtida a autorização prevista no n.º 3 deste artigo.

7 — Fica o Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., excecionado do parecer prévio vinculativo do membro do Governo responsável pela área das finanças previsto no n.º 4 do artigo 26.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, relativamente aos contratos de prestação de serviços relacionados com a realização de cursos de aprendizagem e formação da língua e cultura Portuguesas, desde que financiados por receitas próprias.

Artigo 38.º

Incidência das percentagens para diferenciação de desempenhos

As percentagens previstas no n.º 1 do artigo 75.º da Lei n.º 66-B/2007, de 28 de dezembro, alterado pelas Leis n.ºs 64-A/2008, de 31 de dezembro, e 55-A/2010, de 31 de dezembro, não incidem sobre o número de trabalhadores referidos no n.º 6 do artigo 42.º daquela lei.

Artigo 39.º

Cuidados de Saúde Primários

1 — Os contratos de trabalho em funções públicas a termo resolutivo certo que, à data da entrada em vigor do presente diploma, se encontrem em execução no âmbito dos cuidados de saúde primários, podem ser prorrogados, a título excecional, no máximo até ao termo da vigência do Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF) e desde que se trate de satisfação de necessidades urgentes de pessoal passíveis de comprometer a regular prestação

de cuidados de saúde ou o normal funcionamento dos serviços.

2 — O disposto no número anterior é limitado ao seguinte pessoal:

- a) Pessoal médico;
- b) Pessoal de enfermagem;
- c) Técnicos superiores de saúde;
- d) Técnicos de diagnóstico e terapêutica;
- e) Auxiliares de ação médica;
- f) Pessoal com destino ao exercício de funções de secretariado clínico.

3 — A prorrogação prevista no n.º 1 depende de parecer prévio favorável dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde, mediante a fundamentação apresentada pelos serviços.

Artigo 40.º

Norma interpretativa

1 — No caso das situações de mobilidade interna autorizadas ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 40.º da Lei n.º 55-A/2010, de 31 de dezembro, alterada pelas Leis n.ºs 48/2011, de 26 de agosto, e 60-A/2011, de 30 de novembro, mantido em vigor pelo n.º 1 do artigo 20.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, a consolidação prevista no artigo 64.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, com as alterações introduzidas pelas Leis n.ºs 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 34/2010, de 2 de setembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, carece igualmente de parecer prévio favorável para o efeito dos membros do Governo a que se refere a primeira das referidas disposições legais.

2 — O disposto no número anterior aplica-se às situações de mobilidade interna em curso à data da entrada em vigor da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

SECÇÃO III

Disposições específicas

Artigo 41.º

Gestão Financeira do Programa de Representação Externa

1 — As receitas provenientes de reembolsos de bolsas da União Europeia ficam consignadas às despesas de operação com encargos com bolseiros.

2 — Os saldos das receitas referidas no número anterior apurados no ano económico de 2011 transitam para 2012 e ficam consignados às respetivas despesas.

3 — Mantém-se em vigor, durante o ano de 2012, as disposições constantes dos n.ºs 1 e 2 do despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e dos negócios estrangeiros, de 31 de janeiro de 1995, relativo aos serviços externos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sendo motivo de recusa do pedido de libertação de crédito das respetivas verbas o não envio, no início de cada trimestre, da prestação de contas referente ao penúltimo trimestre desagregada por serviço e rubrica de classificação económica.

4 — Em 2012, as despesas a satisfazer por conta das dotações inscritas no orçamento de despesa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, capítulo 02, «Serviços gerais de apoio, estudos, coordenação e representação», sob a atividade «Visitas de Estado e equiparadas», realizam-

-se com dispensa das formalidades legais e são reguladas por despacho emitido pelos membros do Governo responsáveis pela área dos negócios estrangeiros e das finanças.

5 — Em 2012, os serviços externos temporários do Ministério dos Negócios Estrangeiros continuam a reger-se pelo regime jurídico definido no Decreto Regulamentar n.º 5/94, de 24 de fevereiro, para os serviços externos permanentes, sendo-lhes também aplicada a primeira parte do n.º 3.

6 — Em 2012, cabe à Secretaria-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros a autorização, o processamento e o pagamento das despesas com o pessoal dos serviços externos que integraram os mapas únicos de vinculação e de contratação a que se refere o Decreto-Lei n.º 444/99, de 3 de novembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 180/2001, de 19 de junho.

7 — Os saldos das transferências efetuadas pelo FRI, I. P., transitam para 2012.

8 — As receitas provenientes do subarrendamento de espaços e de patrocínios no âmbito de eventos organizados pelos serviços periféricos externos do Ministério dos Negócios Estrangeiros ficam consignadas às suas despesas de funcionamento.

9 — As receitas provenientes de devoluções de taxas e impostos indiretos pagos na aquisição de bens e serviços correntes e na aquisição de bens de capital nos mercados locais, pelos serviços externos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, financiadas por verbas do orçamento do FRI, I. P., constituem receita deste organismo.

10 — No âmbito da Organização da Cimeira da Organização do Tratado do Atlântico Norte, os encargos não pagos em 2011 podem ser liquidados em 2012 com os saldos das verbas atribuídas ao orçamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 2010 e transitados para o orçamento de 2011.

11 — As despesas a satisfazer no âmbito da organização do Ano de Portugal no Brasil, prevista na Resolução do Conselho de Ministros n.º 7/2012, de 13 de janeiro, por conta do orçamento de funcionamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ficam isentas das formalidades legais exigíveis, até aos limiares europeus.

12 — Os serviços, organismos, entidades ou estruturas públicas envolvidos na organização, operacionalização ou realização do Ano de Portugal no Brasil e do Ano do Brasil em Portugal ficam autorizados a arrecadar receitas provenientes de doações e patrocínios, ficando as mesmas consignadas a esse fim.

13 — As dotações orçamentais destinadas a projetos e ações de cooperação para o desenvolvimento passíveis de contabilização em Ajuda Pública ao Desenvolvimento só podem ser executadas após a emissão do parecer prévio vinculativo pelo Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.

14 — O Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., promove, em articulação com a DGO, a obtenção dos dados necessários para o acompanhamento da execução das verbas afetas aos projetos e ações de cooperação para o desenvolvimento.

15 — Em 2012, a título excecional, fica o Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., autorizado a aplicar no Fundo para a Língua Portuguesa os saldos do respetivo orçamento, independentemente da sua fonte de financiamento.

Artigo 42.º

Gestão financeira do Programa da Defesa

1 — As dotações para missões humanitárias e de paz, bem como dos observadores militares não enquadráveis nestas missões, inscritas no orçamento do Ministério da Defesa Nacional, são movimentadas por despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional, prevendo transferências entre capítulos daquele orçamento, com vista a afetar ao Estado-Maior General das Forças Armadas e aos ramos os montantes necessários à cobertura dos encargos a incorrer no âmbito das citadas missões.

2 — A dotação inscrita para a Lei do Serviço Militar no orçamento do Ministério da Defesa Nacional é movimentada por despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional, prevendo transferências entre capítulos daquele orçamento, com vista a afetar aos ramos os montantes necessários à cobertura dos encargos decorrentes das atividades a desenvolver naquele âmbito.

3 — A assunção de encargos decorrentes de operações de locação financeira durante o ano de 2012, nos termos do artigo 87.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, depende de autorização do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional.

4 — Na alienação de imóveis afetos à defesa nacional, o disposto na alínea a) do n.º 2 do artigo 5.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, não prejudica a aplicação do previsto no n.º 4 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 32/99, de 5 de fevereiro, alterado pela Lei n.º 131/99, de 28 de agosto, devendo o montante aqui indicado ser previamente deduzido à base de cálculo da percentagem indicada naquela disposição da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 43.º

Gestão Financeira do Programa da Saúde

No âmbito da execução do Investimento do Ministério da Saúde, e para execução de projetos considerados estratégicos para a política de saúde, ficam as Administrações Regionais de Saúde, I. P., autorizadas, mediante a celebração de protocolo, a efetuar transferências para as unidades locais de saúde do Serviço Nacional de Saúde que tenham natureza de entidade pública empresarial.

Artigo 44.º

Gestão financeira do Programa do Ensino Básico e Secundário e Administração Escolar

1 — As dotações comuns destinadas a vencimentos do pessoal dos estabelecimentos de ensino não superior, inscritas no capítulo 06 do orçamento do Ministério da Educação e Ciência, são utilizadas por cada agrupamento de escolas ou por cada estabelecimento de ensino, de harmonia com as necessidades resultantes da satisfação de encargos com o pessoal que esteja em exercício, sendo as correspondentes informações de cabimento prestadas pela Direção-Geral do Planeamento e Gestão Financeira daquele Ministério.

2 — Os agrupamentos de escolas e as escolas não agrupadas abrangidos pelo artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 224/2009, de 11 de setembro, continuam a beneficiar de autonomia administrativa para movimentar as verbas inscritas no capítulo 06 do orçamento do Ministério da Educação e Ciência.

3 — O processamento de todos os abonos ao pessoal a exercer funções em regime de mobilidade interna, em que, por acordo, a remuneração seja suportada pelo serviço de origem, ou deslocado em estabelecimento público dos ensinos básico e secundário, é efetuado pelo serviço em que exerce funções, desde que o serviço de origem seja igualmente um estabelecimento público dos ensinos básico e secundário.

4 — A Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência assegura a gestão centralizada do processamento das remunerações e abonos devidos aos trabalhadores dos gabinetes dos membros do Governo e da secretaria-geral, bem como dos restantes órgãos, serviços e estruturas do Ministério da Educação e Ciência, cujo apoio seja prestado diretamente pela secretaria-geral, e ainda aos trabalhadores colocados no Sistema de Mobilidade Especial.

5 — Para efeitos do disposto no número anterior, as verbas necessárias, correspondentes a cada serviço, são concentradas no orçamento da Secretaria-Geral, que as utiliza para pagamento das referidas despesas, precedendo validação do serviço a que digam respeito.

6 — A Secretaria-Geral celebra, com cada uma das entidades referidas no n.º 4, protocolos com vista à definição das regras e procedimentos necessários à atuação de cada uma das partes na prossecução desta atividade, bem como na aplicação dos Regimes de Vinculação, de Carreiras e de Remunerações e do Contrato de Trabalho em Funções Públicas.

7 — Os agrupamentos e as escolas do ensino não superior podem ser autorizados pela Direção-Geral da Administração Escolar a celebrar contratos de trabalho em funções públicas a termo resolutivo, a tempo parcial, para colmatar as necessidades transitórias de trabalhadores para assegurarem os serviços de limpeza, nos termos da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, alterada pelas Leis n.ºs 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 34/2010, de 2 de setembro, 55-A/2010, de 31 de dezembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, até ao limite dos montantes inscritos para este efeito no capítulo 06 do orçamento do Ministério da Educação e Ciência.

8 — A faculdade prevista no número anterior é igualmente aplicável pelas autarquias em relação ao pessoal a colocar nas escolas abrangidas pelos acordos de execução, previstos no artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 144/2008, de 28 de julho, alterado pelas Leis n.ºs 3-B/2010, de 28 de abril, 55-A/2010, de 31 de dezembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 45.º

Gestão financeira do programa Ciência e Ensino Superior

1 — Aos professores auxiliares a quem seja distribuído serviço correspondente à categoria de professor associado não cabe a perceção de qualquer acréscimo remuneratório ou suplemento.

2 — As dotações inscritas no capítulo 04, divisão 91, subdivisão 00, «Outras dotações para o apoio ao ensino superior», só podem ser utilizadas mediante despacho do membro do Governo responsável pela área do ensino superior.

Artigo 46.º

Transferência da gestão de património habitacional do Estado

1 — A gestão dos imóveis habitacionais ainda não alienados pelo Estado existentes nas urbanizações denominadas «Bairro do Dr. Mário Madeira» e «Bairro de Santa Maria», inseridas na Quinta da Paiã, na freguesia

da Pontinha, é transferida para o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I. P. (IHRU, I. P.).

2 — O IHRU, I. P., pode, sem qualquer contrapartida e sem sujeição às formalidades previstas no artigo 3.º e no artigo 113.º-A do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, e de acordo com os critérios a estabelecer para a alienação do parque habitacional de arrendamento público, transferir a gestão a que se refere o número anterior para os municípios, empresas municipais ou de capital maioritariamente municipal, para instituições particulares de solidariedade social ou para pessoas coletivas de utilidade pública administrativa, desde que prossigam fins assistenciais e demonstrem capacidade para gerir as urbanizações mencionadas no número anterior.

3 — Após a transferência da gestão do património, pode o IHRU, I. P., ou qualquer entidade beneficiária nos termos do n.º 2, proceder à alienação dos fogos aos respetivos moradores, nos termos do Decreto-Lei n.º 141/88, de 22 de abril, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 172/90, de 30 de maio, 342/90, de 30 de outubro, 288/93, de 20 de agosto, e 116/2008, de 4 de julho.

4 — O arrendamento das habitações transferidas fica sujeito ao regime da renda apoiada, nos termos do Decreto-Lei n.º 166/93, de 7 de maio.

CAPÍTULO III

Execução do orçamento da segurança social

Artigo 47.º

Execução do orçamento da segurança social

Compete ao IGFSS, I. P., efetuar a gestão global do orçamento da segurança social, assegurar o acompanhamento da execução orçamental e propor eventuais alterações orçamentais, nos termos do artigo 48.º da Lei de Enquadramento Orçamental.

Artigo 48.º

Planos de tesouraria

O financiamento das instituições de segurança social e dos demais organismos com dotações integradas no orçamento da segurança social é efetuado pelo IGFSS, I. P., com base em planos de tesouraria aprovados pelo mesmo Instituto.

Artigo 49.º

Medidas e projetos no âmbito do investimento

A competência para aprovar medidas e projetos pode ser objeto de delegação no diretor-geral do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério da Solidariedade e Segurança Social, que, para o efeito, deve articular-se com o IGFSS, I. P., e com a entidade coordenadora do respetivo programa orçamental.

Artigo 50.º

Requisição de fundos

1 — As instituições da segurança social e os demais organismos financiados pelo orçamento da segurança social apenas devem receber as importâncias indispensáveis aos pagamentos a efetuar.

2 — As requisições de fundos devem efetuar-se de acordo com as especificações definidas pelo IGFSS, I. P., pormenorizando os pagamentos previstos.

3 — Tratando-se de investimentos inscritos no orçamento de investimento, a requisição das verbas deve ser formalizada com referência a medidas e projetos no respeito pelas especificações definidas pelo IGFSS, I. P.

4 — Nos casos em que não se verifique a necessidade de utilização integral dos fundos requisitados, o IGFSS, I. P., pode não satisfazer os pedidos de financiamento apresentados.

5 — O valor a transferir para os organismos financiados pelo orçamento da segurança social deve ser líquido das cativações definidas na Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, e no presente diploma.

Artigo 51.º

Informação a prestar

1 — As instituições de segurança social e os demais organismos com orçamentos integrados no orçamento da segurança social devem disponibilizar, mensalmente, ao IGFSS, I. P., até ao 7.º dia do mês seguinte àquele a que respeitam, elementos sobre a execução orçamental de receita e de despesa realizados nos termos definidos no Plano Oficial de Contabilidade das Instituições do Sistema de Solidariedade e Segurança Social (POCISSSS).

2 — O IGFSS, I. P., procede ao registo da informação sobre a execução orçamental em suporte a definir pela DGO, em acordo com o IGFSS, I. P., nos seguintes termos:

a) Até ao dia 18 do mês seguinte àquele a que respeitem, a execução orçamental mensal;

b) Até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre, os elementos sobre a execução orçamental trimestral da segurança social;

c) Até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre, a previsão da execução orçamental anual;

d) Na data a indicar na circular da DGO relativa à preparação do Orçamento do Estado, a previsão da execução orçamental anual e o orçamento para o ano seguinte;

e) Até 31 de janeiro e 31 de julho, os dados referentes à situação da dívida e dos ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, de acordo com o Regulamento (CE) n.º 3605/93, do Conselho, de 22 de novembro;

f) Até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre, a dívida contraída e os ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, em cumprimento do Regulamento (CE) n.º 1222/2004, do Conselho, de 28 de junho.

Artigo 52.º

Alterações orçamentais

1 — As alterações orçamentais só podem ter seguimento quando sejam devidamente justificadas e apresentem adequada contrapartida.

2 — Sem prejuízo do disposto no n.º 1 do artigo 28.º da Lei de Enquadramento Orçamental, é autorizada, pelo membro do Governo responsável pela área da segurança social, a utilização de saldos de gerência resultantes de:

a) Receitas de jogos sociais consignados ao orçamento da segurança social;

b) Saldos do sistema previdencial;

c) Rendimentos obtidos na gestão do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social.

3 — Nos termos dos artigos 89.º e 90.º da Lei n.º 4/2007, de 16 de janeiro, são autorizadas, por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social, as transferências de verbas entre as dotações para despesas, no âmbito dos subsistemas de solidariedade, proteção familiar e ação social e do sistema previdencial.

4 — Nos termos da alínea f) do artigo 50-A.º da Lei de Enquadramento Orçamental, são autorizadas, por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da segurança social, as alterações orçamentais traduzidas em aumento do montante total da despesa decorrente do aumento da despesa com as prestações sociais que constituam direitos dos beneficiários do sistema de segurança social.

5 — Os acréscimos de encargos relacionados com o aumento do volume de fundos sob gestão do IGFSS, I. P., inscritos no orçamento da segurança social para 2012, e que superem, por esse facto, o valor dos encargos de administração previsto no presente orçamento, são autorizados por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

6 — Se, na execução do orçamento da segurança social para 2012, as verbas a transferir do Fundo Social Europeu para apoio de projetos de formação profissional excederem a dotação inscrita em orçamento, as alterações orçamentais decorrentes do correspondente acréscimo de despesas são autorizadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do emprego e da segurança social.

7 — As alterações orçamentais entre as dotações das rubricas de comparticipação portuguesa nos projetos apoiados pelo Fundo Social Europeu e as rubricas de transferências correntes para «emprego e formação profissional», «higiene, saúde e segurança no trabalho» e «inovação na formação» são autorizadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do emprego e da segurança social.

8 — O acréscimo de despesas de capital decorrentes do aumento do volume de regularizações de dívidas de contribuições a instituições da segurança social, satisfeitas mediante dação em pagamento de bens móveis ou imóveis, e que superem, por esse facto, o valor inscrito no orçamento da segurança social para 2012, é autorizado por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

9 — As alterações orçamentais referidas nas alíneas c) e d) do n.º 2 do artigo 51.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada pela Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, alterada e republicada pela Lei n.º 52/2011, de 13 de outubro, são autorizadas pelo membro do Governo responsável pela área da segurança social.

Artigo 53.º

Transferências orçamentais

1 — O orçamento da segurança social apoia financeiramente os centros de cultura e desporto da segurança social (CCD) no desenvolvimento das suas atividades.

2 — Os apoios financeiros são estabelecidos em consideração do quadro de atividades programadas pelos CCD, do número de trabalhadores da segurança social a quem

se destinem as atividades e das respetivas despesas de administração.

3 — As transferências para os CCD são definidas, regulamentadas e autorizadas por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social, com base em critérios transparentes e objetivos.

Artigo 54.º

Relacionamento com o sistema bancário ou financeiro

1 — O IGFSS, I. P., fica autorizado a estabelecer relações com as instituições do sistema bancário ou financeiro, podendo, para o efeito, negociar aplicações de capital, constituir depósitos e contrair empréstimos de curto prazo que se mostrem necessários à execução do orçamento da segurança social para 2012, nos termos do n.º 2 do artigo 48.º da Lei de Enquadramento Orçamental.

2 — A contração, pelo IGFSS, I. P., de empréstimos de curto prazo sob a forma de linhas de crédito para financiamento intercalar de ações de formação profissional cofinanciadas pelo Fundo Social Europeu, até ao montante máximo de € 260 000 000, está sujeita ao disposto no n.º 2 do artigo 48.º da Lei de Enquadramento Orçamental.

3 — A amortização das linhas de crédito a que se refere o número anterior deve ser efetuada até ao final do exercício orçamental.

4 — Para a realização de operações ativas, nomeadamente o recurso a financiamentos, e as previstas nos n.ºs 1 e 2, o IGFSS, I. P., deve, em identidade de condições, recorrer preferencialmente aos serviços da IGCP, I. P.

5 — Pode o IGFSS, I. P., em 2012 e mediante despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social, conceder garantias a favor do sistema financeiro, para cobertura de responsabilidades assumidas no âmbito da cooperação técnica e financeira pelas instituições particulares de solidariedade social, sempre que tal contribua para o reforço da função de solidariedade destas instituições, até ao limite máximo de € 100 000 000, e havendo, em caso disso, lugar a ressarcimento no âmbito dos acordos de cooperação.

Artigo 55.º

Aquisição de serviços médicos

1 — As despesas com a aquisição de serviços médicos a efetuar pelas instituições de segurança social para o sistema de verificação de incapacidades e para o sistema de certificação e recuperação de incapacidades por doenças profissionais podem, durante o presente ano económico, realizar-se com recurso ao procedimento por ajuste direto, até aos limiares europeus.

2 — O disposto no número anterior é igualmente aplicável à ADSE na aquisição de serviços médicos prestados no âmbito das juntas médicas e da verificação domiciliária da doença.

3 — As despesas com a prestação, por parte de peritos atualmente contratados, de um número de atos médicos superior àquele a que os mesmos se comprometeram a praticar consideram-se legalmente adjudicadas desde que o valor do contrato seja inferior a € 12 500.

4 — Para os efeitos previstos no artigo 78.º do Estatuto da Aposentação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro, são permitidas a manutenção e a renovação dos contratos de avença para o exercício das funções referidas no número anterior.

5 — O disposto no presente artigo pode aplicar-se, com as necessárias adaptações, à contratação dos demais técnicos que compõem as equipas multidisciplinares no âmbito da atribuição de subsídios de educação especial, mediante autorização prévia dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da administração pública.

Artigo 56.º

Despesas da política de cooperação

A assunção de encargos com ações de cooperação externa com suporte em dotação inscrita no orçamento da segurança social é autorizada por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

Artigo 57.º

Despesas associadas à gestão do FEFSS

1 — O IGFSS, I. P., pode celebrar em 2012 contratos redigidos numa língua de uso corrente nos mercados financeiros internacionais e submeter a respetiva execução a legislação de país estrangeiro, apenas em casos manifestamente excecionais e devidamente fundamentados, para os quais não exista comprovadamente alternativa.

2 — Às despesas com contratos de seguros relativos a imóveis da carteira do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social não se aplica o disposto no artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, sendo a respetiva autorização da competência do membro do Governo responsável pela área da segurança social, ainda que com possibilidade de delegação de competências.

CAPÍTULO IV

Administração regional e local

Artigo 58.º

Limites de endividamento

1 — A DGAL calcula, para cada município, o montante de endividamento líquido e da dívida de curto, médio e longo prazos, previstos na Lei n.º 2/2007, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 22-A/2007, de 29 de junho, 67-A/2007, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 55-A/2010, de 31 de dezembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, com base na informação fornecida pelos municípios até 10 de maio de 2012, através do SIIAL.

2 — Os montantes de endividamento referidos no número anterior, incluindo os respetivos cálculos, são comunicados pela DGAL a cada um dos municípios e à DGO, até 15 de junho de 2012.

3 — A DGAL calcula, para cada município, os limites de endividamento líquido e da dívida de médio e longo prazo para 2012, previstos no artigo 66.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

4 — Os limites de endividamento referidos no número anterior, incluindo os respetivos cálculos, são comunicados pela DGAL a cada um dos municípios e à DGO.

Artigo 59.º

Norma transitória relativamente a municípios com pagamentos em atraso de anos anteriores

No caso dos municípios com pagamentos em atraso de anos anteriores, aplica-se a obrigatoriedade de redução

dos pagamentos em atraso nos termos do artigo 65.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 60.º

Participação municipal no IRS

Na ausência de deliberação ou de comunicação por parte do município, de acordo com o previsto no n.º 3 do artigo 20.º da Lei n.º 2/2007, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 22-A/2007, de 29 de junho, 67-A/2007, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 55-A/2010, de 31 de dezembro, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, o município tem direito a uma participação de 5 % no Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS), nos termos definidos no referido artigo.

Artigo 61.º

Transferências das entidades municipais para o SNS

1 — No cumprimento do previsto no artigo 190.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, é publicado no anexo I ao presente diploma, do qual faz parte integrante, o montante a transferir por cada entidade para o SNS.

2 — O montante referido no número anterior é retido nas transferências do Orçamento do Estado para as entidades previstas na Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

3 — Os municípios são a entidade responsável por receber dos serviços municipalizados e das empresas municipais os montantes que lhes competem e entregá-los ao Serviço Nacional de Saúde.

CAPÍTULO V

Suspensão de remunerações e subsídios

Artigo 62.º

Norma interpretativa

O artigo 24.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, apenas se aplica às entidades processadoras das remunerações dos trabalhadores em funções públicas abrangidas pelo n.º 2 do artigo 2.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, alterada pelas Leis n.ºs 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, as quais procedem à entrega das quantias dos subsídios cujo pagamento seja suspenso nos termos do artigo 21.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, nos cofres do Estado, nos termos a definir por despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

Artigo 63.º

Reduções remuneratórias e suspensão de subsídios

Os órgãos ou serviços com autonomia financeira processadores das remunerações dos trabalhadores em funções públicas referidos nas alíneas s) e u) do n.º 9 do artigo 19.º da Lei n.º 55-A/2010, de 31 de dezembro, procedem à entrega das quantias correspondentes às reduções remuneratórias previstas naquela disposição e aos subsídios cujo pagamento seja suspenso nos termos do artigo 21.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, nos cofres do Estado, nos termos a definir por despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

CAPITULO VI

Prestação de informação

Artigo 64.º

Informação sobre fundos disponíveis, compromissos, contas a pagar e pagamentos em atraso

1 — As entidades referidas no n.º 1 do artigo 3.º procedem, mensalmente, ao registo da informação sobre fundos disponíveis, compromissos assumidos, saldo inicial das contas a pagar, movimento mensal e saldo das contas a pagar a transitar para o mês seguinte e os pagamentos em atraso no suporte informático das instituições referidas no n.º 5 do artigo 4.º, até ao dia 15 do mês seguinte a que se reporta.

2 — Os serviços integrados registam obrigatoriamente a data de emissão da fatura do fornecedor e a data do respetivo vencimento.

3 — A informação prestada nos termos do n.º 1 deve ser consistente com o registo de compromissos a que se refere o artigo 4.º

Artigo 65.º

Informação genérica a prestar pelos serviços e fundos autónomos

1 — Os serviços e fundos autónomos, incluindo as entidades públicas reclassificadas ao abrigo do n.º 5 do artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, são responsáveis por proceder ao registo da informação no suporte informático definido pela DGO, nos termos previstos nos números seguintes.

2 — Mensalmente, até ao dia 10 do mês seguinte ao qual a informação se reporta, tais entidades registam:

a) As contas da execução orçamental de acordo com os mapas n.ºs 7.1, «Controlo orçamental — Despesa», e 7.2, «Controlo orçamental — Receita», do POCP ou planos sectoriais;

b) Todas as alterações orçamentais de acordo com os mapas n.ºs 8.3.1.1, «Alterações orçamentais — Despesa», e 8.3.1.2, «Alterações orçamentais — Receita», do POCP ou planos sectoriais.

3 — Trimestralmente, até ao dia 10 do mês seguinte ao fim do trimestre, tais entidades prestam informação sobre as operações de financiamento, nomeadamente empréstimos e amortizações efetuadas, bem como as previstas até ao final de cada ano.

4 — Trimestralmente, até ao dia 30 do mês seguinte ao do termo do trimestre, tais entidades procedem à apresentação:

a) Do relatório da execução orçamental, elaborado pelo competente órgão fiscalizador ou, na sua falta, pelo respetivo órgão de gestão;

b) Da previsão da execução orçamental para o conjunto do ano, incluindo a previsão de despesas de anos anteriores a suportar, e, no caso das entidades públicas reclassificadas, o balanço e a demonstração de resultados previsionais do ano corrente;

c) Da situação da dívida e dos ativos expressos em títulos da dívida emitidos pelas administrações públicas, avaliados ao valor nominal de acordo com o Regulamento (CE) n.º 3605/93, do Conselho, de 22 de novembro de 1993.

5 — Até 15 de maio de 2012, tais entidades procedem à prestação de contas do exercício de 2011, acompanhadas de informação detalhada, nos termos definidos pela DGO, relativa ao rácio de autofinanciamento, definido nos termos do artigo 6.º da Lei n.º 8/90, de 20 de fevereiro, e ao cumprimento da regra do equilíbrio, estabelecida no artigo 25.º da Lei de Enquadramento Orçamental, relativamente aos anos de 2010 e 2011, excluindo-se desta obrigatoriedade as entidades públicas reclassificadas.

6 — Na data a indicar na circular de preparação do Orçamento do Estado, tais entidades procedem à apresentação da estimativa da execução orçamental do ano em curso e orçamento para o ano seguinte, bem como no caso das entidades públicas reclassificadas o balancete analítico e a demonstração financeira previsionais para o ano em curso e seguinte.

7 — Mensalmente, até ao fim do mês seguinte ao qual a informação se reporta, tais entidades procedem à apresentação do balancete analítico mensal.

8 — Até 28 de fevereiro do ano seguinte àquele a que os documentos se reportam, tais entidades procedem à apresentação da estimativa do balanço e da demonstração de resultados.

9 — Para além dos documentos mencionados nos números anteriores, a DGO pode ainda solicitar qualquer outra informação de carácter financeiro necessária à análise do impacto das contas destas entidades no saldo das Administrações Públicas.

Artigo 66.º

Informação a prestar pelas instituições do Ministério da Saúde

1 — As instituições do sector público administrativo e do sector empresarial do Estado, pertencentes ao Serviço Nacional de Saúde, e os demais organismos definidos pelo membro do Governo responsável pela área em causa, devem enviar à Administração Central do Sistema de Saúde, I. P. (ACSS, I. P.), até ao dia 20 do mês seguinte ao qual a informação se reporta, os documentos de prestação de contas mensal, considerando-se o respetivo mês como encerrado para todos os efeitos.

2 — A ACSS, I. P., indica, através de circular normativa, o conteúdo e o formato dos documentos de prestação de contas mensal, bem como as entidades abrangidas.

3 — O incumprimento, total ou parcial, da informação mensal no n.º 1 implica a retenção de 15 % nas transferências mensais a realizar pela ACSS, I. P., no mês seguinte àquele em que deveria ter sido prestada a informação.

4 — Os montantes a que se refere o número anterior são repostos assim que tenha sido enviada a informação cujo incumprimento determinou a retenção, no limite no mês seguinte ao das retenções.

Artigo 67.º

Informação a prestar por outras entidades públicas

As demais entidades públicas não abrangidas pelo âmbito de aplicação da Lei n.º 57/2011, de 28 de novembro, designadamente empresas públicas, associações públicas e outras pessoas coletivas públicas, devem proceder ao carregamento da informação prevista e nos termos daquela lei, com as adaptações necessárias.

Artigo 68.º

Informação a prestar pelas Regiões Autónomas

1 — As Regiões Autónomas prestam à DGO, nos termos definidos por esta, a seguinte informação:

- a) A prevista no artigo 64.º;
- b) A relativa à execução orçamental mensal até ao dia 15 do mês seguinte a que se reporta;
- c) A informação prevista nos artigos 15.º e 16.º da Lei de Finanças das Regiões Autónomas (LFR), aprovada pela Lei Orgânica n.º 1/2007, de 19 de fevereiro, alterada pelas Leis Orgânicas n.ºs 1/2010, de 20 de março, e 2/2010, de 16 de junho;
- d) A informação relativa às entidades reclassificadas nos termos do n.º 5 do artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental até ao final do mês seguinte ao trimestre a que se reporta;
- e) A informação necessária à aferição do cumprimento do limite de endividamento das Regiões Autónomas, nos termos previstos no artigo 35.º da LFR, até ao final do mês seguinte a que se reporta;
- f) A informação prevista no n.º 5 do artigo 45.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, até ao final do mês seguinte ao trimestre a que se reporta.

2 — As Regiões Autónomas prestam, ainda, a informação de carácter financeiro que seja solicitada pela DGO, necessária à análise do impacto das contas das administrações regionais no saldo das Administrações Públicas.

Artigo 69.º

Informação a prestar pelas autarquias locais, empresas do sector empresarial local e restantes entidades integradas no subsector da administração local em contas nacionais

1 — Os municípios prestam a seguinte informação à DGAL, através do Sistema Integrado de Informação das Autarquias Locais (SIIAL):

- a) A prevista no artigo 64.º;
- b) A informação prevista no artigo 50.º da Lei n.º 2/2007, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 22-A/2007, de 29 de junho, 67-A/2007, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, e 64-B/2011, de 30 de dezembro, sendo extensível a todos os municípios a obrigatoriedade de fornecimento da informação mensal sobre a execução orçamental e o balancete analítico, até ao dia 15 do mês seguinte àquele a que a informação se refere;
- c) A informação relativa aos ativos e aos passivos financeiros, ao montante de empréstimos ao abrigo das disposições legais que permitem o seu exceção dos limites de endividamento e o montante de endividamento líquido, até ao dia 30 do mês seguinte ao final do trimestre.
- d) A informação prevista no n.º 7 do artigo 46.º e no n.º 2 do artigo 48.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

2 — Os municípios prestam, ainda, à DGAL, nos termos definidos por esta, até ao dia 30 do mês seguinte ao final do trimestre, a informação relativa às entidades que integram o sector empresarial local, incluindo as empresas participadas, bem como informação das contas do ano de 2011 relativa às entidades participadas, até 31 de maio, sendo para o efeito aplicável o disposto no n.º 7 do artigo 50.º da Lei n.º 2/2007, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 22-A/2007, de 29 de junho, 67-A/2007, de

31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, e 64-B/2011, de 30 de dezembro.

3 — As autarquias locais prestam, através do SIIAL, a informação relativa a pessoal ao serviço e despesas com pessoal necessária à verificação do disposto nos artigos 46.º, 47.º e 48.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, nos termos definidos pela DGAL.

4 — As autarquias locais, empresas do sector empresarial local e restantes entidades integradas no subsector da administração local em contas nacionais remetem com periodicidade mensal, até dia 20 do mês seguinte ao que respeita a informação, dados relativos a compromissos e pagamentos em atraso, para efeitos de verificação do disposto no artigo 65.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

5 — A DGO e a DGAL partilham a informação prestada nos termos do presente artigo, podendo, no âmbito das respetivas atribuições, solicitar às autarquias locais, empresas do sector empresarial local e restantes entidades integradas no subsector da administração local em contas nacionais informações adicionais.

Artigo 70.º

Informação a prestar pela Segurança Social

O IGFSS, I. P., procede ao registo da informação sobre a execução orçamental em suporte a definir pela DGO, nos seguintes termos:

- a) A prevista no artigo 64.º;
- b) A execução orçamental mensal especificada pela classificação económica, até ao dia 18 do mês seguinte àquele a que respeitem;
- c) A execução orçamental trimestral especificada pela classificação económica, até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre;
- d) A previsão da execução orçamental anual, até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre;
- e) Os dados referentes à situação da dívida e dos ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, de acordo com o Regulamento (CE) n.º 3605/93, do Conselho, de 22 de novembro, até 31 de janeiro e 31 de julho;
- f) A dívida contraída e os ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, em cumprimento do Regulamento (CE) n.º 1222/2004, do Conselho, de 28 de junho, até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre.

Artigo 71.º

Incumprimento na prestação de informação

1 — O incumprimento dos deveres de informação previstos no presente capítulo determina a:

- a) Retenção de 15 % na dotação orçamental, ou na transferência do Orçamento do Estado, subsídio ou adiantamento para a entidade incumpridora, no mês seguinte ao incumprimento;
- b) Não tramitação de quaisquer processos que sejam dirigidos à DGO pela entidade incumpridora.

2 — Excetuam-se do disposto no n.º 1 as verbas destinadas a suportar encargos com remunerações certas e permanentes.

3 — Os montantes a que se refere o número anterior são repostos no mês seguinte, após a prestação da informação cujo incumprimento determinou a retenção prevista no número anterior.

CAPÍTULO VII

Consolidação orçamental

Artigo 72.º

Combate à fraude e à evasão fiscais

1 — O Governo apresenta à Assembleia da República, até ao final de junho de 2012, um relatório detalhado sobre a evolução do combate à fraude e à evasão fiscais em todas as áreas da tributação, explicitando os resultados alcançados, designadamente quanto ao valor das liquidações adicionais realizadas, bem como quanto ao valor das coletas recuperadas nos diversos impostos.

2 — O relatório deve conter, designadamente:

a) Toda a informação estatística relevante sobre as inspeções tributárias efetuadas;

b) Os resultados obtidos com a utilização dos diversos instrumentos jurídicos para o combate à fraude e à evasão fiscais, em especial a avaliação indireta da matéria coletável e a derrogação administrativa do dever de segredo bancário;

c) Uma avaliação da adequação desses mesmos instrumentos, tendo em conta critérios de eficiência da ação de inspeção.

3 — O relatório deve ainda conter, no estrito respeito dos diferentes deveres de segredo a que a administração tributária está vinculada, informação estatística relativa às infrações tributárias resultantes de ações de inspeção, designadamente evidenciando, de forma agregada, o resultado final dos processos.

Artigo 73.º

Procedimento aplicável aos empréstimos externos

O regime previsto no artigo 173.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, é aplicável aos juros de capitais provenientes do estrangeiro representativos de contratos de empréstimo ali previstos celebrados pelo IGCP, em nome e representação do Estado Português, desde que seja reconhecido pelo membro do Governo responsável pela área das finanças o interesse público subjacente à operação e o credor seja um não residente em território nacional sem estabelecimento estável ao qual o empréstimo seja imputável.

Artigo 74.º

Intervenção no mercado

1 — Fica o Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P., autorizado a recorrer a Operações Específicas do Tesouro, nos termos previstos no artigo 88.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro, para financiar a aquisição de mercadorias decorrentes da intervenção no mercado agrícola sob a forma de armazenagem pública, até ao montante de € 15 000 000.

2 — As operações a que se refere o número anterior devem ser regularizadas aquando da venda das mercadorias ou do reembolso europeu sempre que aplicável.

CAPÍTULO VIII

Alterações legislativas

Artigo 75.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro

1 — O artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 6.º

[...]

1 —

2 —

3 —

4 — O disposto no número anterior é extensível aos pilotos, controladores de tráfego aéreo, técnicos de manutenção aeronáutica e outro pessoal aeronáutico especializado, aposentado, reformado ou reservista, contratado ou nomeado, que preste formação profissional promovida pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, I. P.

5 — O exercício de funções públicas ao abrigo do disposto no número anterior não depende da autorização prevista no artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro, na redação introduzida pelo Decreto-Lei n.º 179/2005, de 2 de novembro, desde que circunscrita aos compromissos assumidos pelo Estado Português relativos ao desenvolvimento da indústria aeronáutica e com prévia informação ao membro do Governo responsável pela Administração Pública.

6 — É ainda ressalvado do disposto no n.º 2 o regime constante da Lei n.º 59/2008, de 11 de setembro, relativamente aos árbitros a que se refere o n.º 3 do artigo 375.º (anexo 1 da Lei), sendo-lhes permitido cumular a pensão com a remuneração que competir às funções de árbitro presidente, com um limite de uma terça parte da pensão auferida.»

2 — É aditado o artigo 2.º-A ao Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro, com a seguinte redação:

«Artigo 2.º-A

Atualização das ajudas de custo do pessoal com funções policiais da Polícia de Segurança Pública

1 — As ajudas de custo diárias a abonar ao pessoal com funções policiais da Polícia de Segurança Pública que se desloque da sua residência oficial, por motivo de serviço público, em território nacional ou que se desloque em missão oficial ao estrangeiro e no estrangeiro, são atualizadas para os valores previstos na Portaria n.º 864/2009, de 13 de agosto, com as devidas adaptações.

2 — Aos valores previstos na Portaria n.º 864/2009, de 13 de agosto, são aplicadas as reduções previstas no Decreto-Lei n.º 137/2010, de 28 de dezembro.

3 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, o montante dos abonos de ajudas passa a ser automaticamente atualizado na percentagem de atualização das ajudas de custo aplicáveis aos demais trabalhadores com funções públicas, conforme previsto no n.º 2 do artigo 98.º do Decreto-Lei n.º 299/2009, de 14 de outubro.»

Artigo 76.º

Alteração ao regime financeiro do Decreto-Lei n.º 141/79, de 22 de maio

1 — Os encargos com as pensões complementares de aposentação ou reforma atribuídas no âmbito do Decreto-Lei n.º 141/79, de 22 de maio, são suportados pelas entidades públicas em que o pessoal se encontre integrado à data da aposentação.

2 — Quando o subscritor se encontre vinculado simultaneamente a mais do que uma entidade no momento da aposentação, considera-se, para efeitos do presente artigo, que se encontra integrado naquela por cujo cargo se aposente.

3 — As entidades referidas nos números anteriores dotadas de orçamento próprio ficam autorizadas a despende as importâncias correspondentes às pensões complementares de aposentação ou reforma.

4 — No caso de serem extintas as entidades às quais venha a competir o encargo com o pagamento de pensões complementares de aposentação ou reforma sucede-lhes naquela obrigação a secretaria-geral do ministério da tutela.

5 — Compete à entidade pública responsável pelo encargo com a pensão complementar o pagamento da totalidade da pensão global transitória de aposentação ou reforma, nos termos do artigo 99.º do Estatuto da Aposentação.

6 — São revogados o n.º 3 do artigo 6.º e os artigos 9.º e 11.º do Decreto-Lei n.º 141/79, de 22 de maio.

7 — O disposto no presente artigo abrange igualmente os aposentados e reformados inscritos na Caixa Geral de Aposentações ao abrigo de outras disposições legais, a que o regime do Decreto-Lei n.º 141/79, de 22 de maio, seja aplicável.

8 — O disposto no n.º 2 tem carácter interpretativo.

Artigo 77.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro

Os artigos 7.º e 8.º do Estatuto da Aposentação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 7.º

[...]

1 —

2 — Compete aos serviços, até ao dia 6 do mês seguinte àquele em que a relação contributiva previsional tenha sido disponibilizada, introduzirem-lhe as alterações necessárias e confirmarem-na, através do código de utilizador previamente fornecido pela Caixa e de uma palavra passe.

3 —

Artigo 8.º

[...]

1 — Após validar as relações contributivas definitivas, a Caixa, até ao dia 7 de cada mês, disponibiliza na

sua página eletrónica, em área de acesso reservado, as seguintes informações:

a)

b)

2 —

3 —

Artigo 78.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 142/73, de 31 de março

Os artigos 16.º e 17.º do Estatuto das Pensões de Sobrevivência, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 142/73, de 31 de março, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 16.º

[...]

1 —

2 — Compete aos serviços, até ao dia 6 do mês seguinte àquele em que a relação contributiva previsional tenha sido disponibilizada, introduzirem-lhe as alterações necessárias e confirmarem-na, através do código de utilizador previamente fornecido pela Caixa e de uma palavra passe.

3 —

Artigo 17.º

[...]

1 — Após validar as relações contributivas definitivas, a Caixa, até ao dia 7 de cada mês, disponibiliza na sua página eletrónica, em área de acesso reservado, as seguintes informações:

a)

b)

2 —

3 —

Artigo 79.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 73/99, de 16 de março

O artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 73/99, de 16 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 201/99, de 9 de junho, e pelas Leis n.ºs 3-B/2010, de 28 de abril, 55-A/2010, de 31 de dezembro, 48/2011, de 26 de agosto, e 60-A/2011, de 30 de novembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 3.º

[...]

1 — A taxa de juros de mora tem vigência anual com início em 1 de janeiro de cada ano, sendo apurada e publicitada pelo Instituto de Gestão da Tesouraria e do Crédito Público (IGCP, I. P.), através de aviso a publicar no *Diário da República*, até ao dia 31 de dezembro do ano anterior.

2 —

3 —

4 —

5 —

6 —

7 —

Artigo 80.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 276/2007, de 31 de julho

1 — É aditado ao Decreto-Lei n.º 276/2007, de 31 de julho, o artigo 15.º-A, com a seguinte redação:

«Artigo 15.º-A

Acompanhamento no âmbito do Sistema de Controlo Interno da Administração Financeira do Estado

Quando se trate de ações relativas à gestão, organização, funcionamento ou avaliação das entidades objeto da sua intervenção, os serviços de inspeção devem enviar os relatórios finais das suas ações de inspeção, incluindo as recomendações, aos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da Administração Pública, nos termos a definir por despacho dos mesmos membros do Governo.»

2 — O disposto no artigo 15.º-A do Decreto-Lei n.º 276/2007, de 31 de julho, na redação introduzida pelo presente diploma, é aplicável às ações de inspeção iniciadas ou concluídas a partir de 1 de janeiro de 2011.

Artigo 81.º

Alteração à Lei Geral Tributária

O artigo 59.º da Lei Geral Tributária, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 398/98, de 17 de dezembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 59.º

[...]

- 1 —
 2 —
 3 —
 4 —
 5 —
 6 —
 7 — As comunicações previstas nas alíneas *m*) e *n*) do n.º 3 são efetuadas por via eletrónica.»

CAPÍTULO IX

Disposições transitórias

Artigo 82.º

Definições

Para efeitos do presente diploma, consideram-se:

1) «Compromissos», as obrigações de efetuar pagamentos a terceiros em contrapartida do fornecimento de bens e serviços ou da satisfação de outras condições. Os compromissos consideram-se assumidos quando é executada uma ação formal pela entidade, como sejam a emissão de ordem de compra, nota de encomenda ou documento equivalente, ou a assinatura de um contrato, acordo ou protocolo, podendo também ter um carácter permanente e estar associados a pagamentos durante um período indeterminado de tempo, nomeadamente, salários, rendas, eletricidade ou pagamentos de prestações diversas;

2) «Compromissos plurianuais», os compromissos que constituem obrigação de efetuar pagamentos em mais do que um ano económico;

3) «Passivos», as obrigações presentes da entidade provenientes de acontecimentos passados, cuja liquidação se espera que resulte num exfluxo de recursos da entidade que incorporam benefícios económicos. Um acontecimento que cria obrigações é um acontecimento que cria uma obrigação legal ou construtiva que faça com que uma entidade não tenha nenhuma alternativa realista senão liquidar essa obrigação. Uma característica essencial de um passivo é a de que a entidade tenha uma obrigação presente. Uma obrigação é um dever ou responsabilidade para agir ou executar de certa maneira e pode ser legalmente imposta como consequência de:

- a*) Um contrato vinculativo (por meio de termos explícitos ou implícitos);
b) Legislação;
c) Requisito estatutário; ou
d) Outra operação da lei;

4) «Contas a pagar», o subconjunto dos passivos certos, líquidos e exigíveis;

5) «Pagamentos em atraso», as contas a pagar que permaneçam nessa situação mais de 90 dias posteriormente à data de vencimento acordada ou especificada na fatura, contrato, ou documentos equivalentes;

6) «Fundos disponíveis», as verbas disponíveis a muito curto prazo, que incluem, quando aplicável e desde que não tenham sido comprometidos ou gastos:

- a*) A dotação corrigida líquida de cativos, relativa aos três meses seguintes;
b) As transferências ou subsídios com origem no Orçamento do Estado, relativos aos três meses seguintes;
c) A receita efetiva própria que tenha sido cobrada ou recebida como adiantamento;
d) A previsão da receita efetiva própria a cobrar nos três meses seguintes;
e) O produto de empréstimos contraídos nos termos da lei;
f) Outros montantes autorizados nos termos do artigo 83.º

Artigo 83.º

Aumento temporário dos fundos disponíveis

1 — A título excecional, podem ser acrescidos aos fundos disponíveis outros montantes que excedam os previstos nas alíneas *a*), *b*) e *d*) do n.º 6 do artigo 82.º, desde que expressamente autorizados pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — Quando os montantes autorizados ao abrigo do número anterior diverjam dos valores efetivamente cobrados e ou recebidos deverá a entidade proceder à correção dos respetivos fundos disponíveis.

Artigo 84.º

Assunção de compromissos

1 — Os dirigentes, gestores e responsáveis pela contabilidade não podem assumir compromissos que excedam os fundos disponíveis, referidos no n.º 6 do artigo 82.º

2 — As entidades têm obrigatoriamente sistemas informáticos, que registam os fundos disponíveis, os compromissos, os passivos, as contas a pagar e os pagamentos em atraso, especificados pela respetiva data de vencimento.

3 — Os sistemas de contabilidade de suporte à execução do orçamento emitem um número de compromisso válido

e sequencial que é refletido na ordem de compra, nota de encomenda, ou documento equivalente, e sem o qual o contrato ou a obrigação subjacente em causa são, para todos os efeitos, nulos.

4 — A autorização para a assunção de um compromisso é sempre precedida pela verificação da conformidade legal da despesa, nos presentes termos e nos demais exigidos por lei.

Artigo 85.º

Compromissos plurianuais

1 — A assunção de compromissos plurianuais, independentemente da sua forma jurídica, incluindo novos projetos de investimento ou a sua reprogramação, contratos de locação, acordos de cooperação técnica e financeira com os municípios e parcerias público-privadas, está sujeita à autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — É obrigatória a inscrição integral dos compromissos plurianuais no suporte informático central das entidades responsáveis pelo controlo orçamental em cada um dos subsectores da Administração Pública.

Artigo 86.º

Atrasos nos pagamentos

A execução orçamental não pode conduzir, em qualquer momento, a um aumento dos pagamentos em atraso.

Artigo 87.º

Entidades com pagamentos em atraso

1 — No caso das entidades com pagamentos em atraso em 31 de dezembro de 2011, a previsão da receita efetiva própria a cobrar nos três meses seguintes prevista na alínea *d*) do n.º 6 do artigo 82.º tem como limite superior 75 % da média da receita efetiva cobrada nos dois últimos anos nos períodos homólogos, deduzida dos montantes de receita com carácter pontual ou extraordinário.

2 — A aplicação do disposto no número anterior às entidades nele referidas cessa quando estas deixem de ter pagamentos em atraso.

3 — As entidades que violem o disposto no artigo 86.º não podem beneficiar da utilização da previsão da receita efetiva própria a cobrar nos três meses seguintes para efeitos de determinação dos fundos disponíveis definidos no n.º 6 do artigo 82.º

4 — O impedimento previsto no número anterior cessa no momento em que as entidades nele referidas retomem o valor dos pagamentos em atraso anterior à violação do disposto no artigo 86.º

Artigo 88.º

Pagamentos

1 — Os pagamentos só podem ser realizados quando os compromissos tiverem sido assumidos em conformidade com as regras e procedimentos previstos no presente capítulo, em cumprimento dos demais requisitos legais de execução de despesas e após o fornecimento de bens e serviços ou da satisfação de outras condições.

2 — Os agentes económicos que procedam ao fornecimento de bens ou serviços sem que o documento de compromisso, ordem de compra, nota de encomenda ou

documento equivalente possua a clara identificação do emitente e o correspondente número de compromisso válido e sequencial, obtido nos termos do n.º 3 do artigo 84.º, não poderão reclamar do Estado ou das entidades públicas envolvidas o respetivo pagamento ou quaisquer direitos ao ressarcimento, sob qualquer forma.

3 — Sem prejuízo do disposto no artigo 90.º, os responsáveis pela assunção de compromissos em desconformidade com as regras e procedimentos previstos no presente decreto-lei respondem pessoal e solidariamente perante os agentes económicos quanto aos danos por estes incorridos.

Artigo 89.º

Prestação de informação

Para efeitos de aplicação do disposto no presente capítulo, as entidades devem fornecer toda a informação sobre os compromissos e pagamentos em atraso.

Artigo 90.º

Violação das regras relativas a assunção de compromissos

1 — Os titulares de cargos políticos, dirigentes, gestores ou responsáveis pela contabilidade que assumam compromissos em violação do previsto no presente capítulo incorrem em responsabilidade civil, criminal, disciplinar e financeira, sancionatória e ou reintegratória, nos termos da lei em vigor.

2 — O disposto no número anterior não prejudica a demonstração da exclusão de culpa, nos termos gerais de direito.

Artigo 91.º

Auditorias

As entidades que tenham violado o disposto no presente capítulo ou que apresentem riscos acrescidos de incumprimento ficam sujeitas a auditorias periódicas pela Inspeção-Geral de Finanças (IGF) ou pela inspeção sectorial.

Artigo 92.º

Vigência

1 — As normas constantes do presente capítulo vigoram até à entrada em vigor do diploma que estabelece as regras aplicáveis à assunção de compromissos e aos pagamentos em atraso.

2 — Até à entrada em vigor do diploma referido no número anterior, as normas constantes do capítulo II e do presente capítulo aplicam-se apenas às entidades pertencentes aos subsectores da Administração Central e Segurança Social e entidades públicas do Serviço Nacional de Saúde.

CAPÍTULO X

Disposições finais

Artigo 93.º

Norma interpretativa

Os compromissos plurianuais gerados por acordos de liquidação de pagamentos em atraso não relevam para efeitos do cumprimento do disposto no artigo 65.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de dezembro.

Artigo 94.º

Produção de efeitos

O presente diploma produz efeitos a partir de 1 de janeiro de 2012.

Artigo 95.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 19 de janeiro de 2012. — Pedro Passos Coelho — Vítor Louçã Rabaça Gaspar — Paulo de Sacadura Cabral Portas — José Pedro Correia de Aguiar-Branco — Miguel Bento Martins Costa Macedo e Silva — Fernando Ferreira Santo — Miguel Fernando Cassola de Miranda Relvas — Álvaro Santos Pereira — Maria de Assunção Oliveira Cristas Machado da Graça — Paulo José de Ribeiro Moita de Macedo. — João Filipe Cortez Rodrigues Queiró — Luís Pedro Russo da Mota Soares.

Promulgado em 7 de fevereiro de 2012.

Publique-se.

O Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva.

Referendado em 9 de fevereiro de 2012.

O Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho.

ANEXO I

(a que se refere o artigo 61.º)

Transferências das entidades municipais para o SNS

Entidade	Euros
AMCAL — Associação de Municípios do Alentejo Central	2.114
Área Metropolitana de Lisboa	40
Assembleia Distrital de Beja	3.201
Assembleia Distrital de Castelo Branco	189
Assembleia Distrital de Lisboa	210
Assembleia Distrital do Porto	2.531
Assembleia Distrital de Santarém	60
Assembleia Distrital de Setúbal	4.151
Assembleia Distrital de Viseu	327
Associação de Informática da Região Centro	15.449
Associação de Municípios da Alta Estremadura	60
Associação de Municípios do Alto Tâmega	1.187
Associação de Municípios do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral	7.012
Associação de Municípios da Cova da Beira	145
Associação de Municípios do Distrito de Évora — AMDE	9.265
Associação de Municípios do Douro Superior	290
Associação dos Municípios da Ilha das Flores — AMIF	11.438
Associação de Municípios da Ilha do Pico	545
Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores	1.785
Associação de Municípios da Região do Planalto Beirão	65
Associação de Municípios da Região de Setúbal	2.318
Associação de Municípios para os Resíduos Sólidos — LIMARSUL	70
Associação de Municípios da Terra Quente Transmontana	1.765
Associação de Municípios do Vale do Ave	8.134
Associação de Municípios do Vale do Cávado	115
Associação de Municípios dos Vales do Ceira e Dueda	982
Associação de Municípios do Vale do Douro Norte	478
Associação de Municípios do Vale do Douro Sul	147
Associação de Municípios do Vale do Minho	243
Associação de Municípios do Vale do Sousa	30
CIMAL — Comunidade Intermunicipal do Alentejo Litoral	693

Entidade	Euros
Comunidade Intermunicipal do Algarve	3.409
Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo	1.205
Comunidade Intermunicipal do Vale do Cávado	239
Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo	1.895
Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo	1.644
Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima	160
Comunidade Intermunicipal do Oeste	3.539
Comunidade Intermunicipal do Pinhal Interior Sul	129
Comunidade Intermunicipal do Pinhal Litoral	247
Comunidade Urbana do Vale do Sousa	1.697
EDP Valor, S. A.	16.772
Freguesia de Abela — Santiago do Cacém	64
Freguesia de Abrã — Santarém	100
Freguesia de Águeda	120
Freguesia da Ajuda — Lisboa	4.945
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição — Alandroal	4.089
Freguesia de Albergaria-a-Velha	90
Freguesia de Alburitel — Ourém	738
Freguesia de Alcabideche	7.587
Freguesia de Alcáçovas	585
Freguesia de Alcains — Castelo Branco	1.682
Freguesia de Alcântara	1.500
Freguesia de Alcaria Ruiva	100
Freguesia de Alcobaça	40
Freguesia de Aldeia Fernandes	60
Freguesia de Aldeia de Paio Pires — Seixal	5.613
Freguesia de Aldoar	3.713
Freguesia de Alfragide	227
Freguesia de Alfundão	1.629
Freguesia de Algueirão-Mem Martins — Sintra	3.188
Freguesia de Alhos Vedros — Moita	1.396
Freguesia de Almansil — Loulé	190
Freguesia de Almeida	379
Freguesia de Almodôvar	327
Freguesia de Alpiarça	688
Freguesia de Alqueva — Portel	30
Freguesia de Alte — Loulé	13.120
Freguesia de Alter do Chão	412
Freguesia de Alvalade — Lisboa	496
Freguesia de Alverca do Ribatejo — Vila Franca de Xira	38.106
Freguesia de Alvor — Portimão	6.503
Freguesia do Ameixial — Loulé	162
Freguesia de Amora — Seixal	1.952
Freguesia de Arada — Ovar	1.197
Freguesia de Arcozelo — Vila Nova de Gaia	6.261
Freguesia de Armação de Pera	1.282
Freguesia de Arões — Vale de Cambra	283
Freguesia de Arraiolos	2.943
Freguesia de Arrentela — Seixal	2.844
Freguesia de Arrifana — Vila Nova de Poiares	60
Freguesia de Azambujeira	173
Freguesia de Azinhaga — Golegã	733
Freguesia de Azinheira dos Barros e São Mamede do Sadão	2.361
Freguesia da Baixa da Banheira	7.389
Freguesia de Baleizão	5.105
Freguesia de Barão de São João — Lagos	2.959
Freguesia de Barrancos	9.395
Freguesia de Barrosa — Benavente	120
Freguesia de Benfica do Ribatejo — Almeirim	180
Freguesia de Bensafirim — Lagos	150
Freguesia de Beringel — Beja	673
Freguesia de Bobadela	7.551
Freguesia de Bodiosa — Viseu	188
Freguesia de Boliqeime — Loulé	185
Freguesia de Boticas	120
Freguesia de Brotas — Mora	393
Freguesia de Bucelas	3.679
Freguesia de Bugalhos — Alcanena	60
Freguesia de Cabanas de Viriato	165
Freguesia de Cabeça Gorda	437
Freguesia de Cachoeiras	972
Freguesia de Cachopo — Tavira	1.674
Freguesia de Cadima — Cantanhede	2.514
Freguesia de Camarate	15.761
Freguesia de Cambra — Vouzela	117
Freguesia de Caneças	8.198

Entidade	Euros	Entidade	Euros
Freguesia de Canhestros — Ferreira do Alentejo	278	Freguesia de Lagoa	30
Freguesia de Cano	132	Freguesia de Lagos — Santa Maria	335
Freguesia de Cantanhede	471	Freguesia das Lajes do Pico	168
Freguesia do Capelo — Horta	276	Freguesia do Laranjeiro — Almada	1.154
Freguesia de Carcavelos	2.161	Freguesia de Lavos — Figueira da Foz	4.078
Freguesia de Cardielos — Viana do Castelo	1.053	Freguesia de Leça do Balio	6.175
Freguesia de Carnaxide — Oeiras	12.967	Freguesia de Leiria	410
Freguesia de Carnide	6.091	Freguesia de Lever — Vila Nova de Gaia	537
Freguesia da Carregueira	883	Freguesia de Linda-a-Velha — Oeiras	4.245
Freguesia de Carvalhal	3.486	Freguesia de Lorvão	1.010
Freguesia de Carvoeira — Torres Vedras	30	Freguesia da Lousã	1.769
Freguesia de Carvoeiro — Viana do Castelo	345	Freguesia da Luz	213
Freguesia de Casa Branca	1.056	Freguesia da Luz — Tavira	577
Freguesia de Cascais	3.154	Freguesia da Madalena — Vila Nova de Gaia	3.390
Freguesia de Castelejo — Fundão	120	Freguesia de Marateca	5.181
Freguesia de Castro Verde	150	Freguesia de Marinha Grande	2.702
Freguesia de Caxarias — Carvoeira	1.670	Freguesia de Martim Longo — Alcoutim	1.686
Freguesia de Cerva — Ribeira de Pena	1.861	Freguesia dos Mártires	90
Freguesia da Chamusca	332	Freguesia de Marvila — Lisboa	4.310
Freguesia de Ciborro — Montemor-o-Novo	225	Freguesia de Massamá	2.881
Freguesia da Cidade de Elvas	740	Freguesia de Meadela — Viana do Castelo	716
Freguesia de Ciladas — Vila Viçosa	1.428	Freguesia de Melides	5.902
Freguesia de Cinfães	135	Freguesia de Mértola	4.067
Freguesia de Coia — Barreiro	1.738	Freguesia de Messejana — Aljustrel	2.476
Freguesia de Conceição — Ourique	160	Freguesia da Mira — Coimbra	7.682
Freguesia de Corte do Pinto	1.797	Freguesia de Mogadouro	78
Freguesia de Cortiçadas de Lavre	1.868	Freguesia da Moita — Setúbal	141
Freguesia de Covelo — Gondomar	175	Freguesia de Moitas Venda	165
Freguesia de Crestuma — Vila Nova de Gaia	1.098	Freguesia de Moncarapacho	522
Freguesia da Cruz Quebrada-Dafundo	4.405	Freguesia de Monforte	1.279
Freguesia de Darque	418	Freguesia de Monte Abraão	2.044
Freguesia de Eiras — Coimbra	636	Freguesia de Montelavar	6.288
Freguesia de Encarnação — Mafra	136	Freguesia de Mora	393
Freguesia da Ericeira	389	Freguesia de Muge — Salvaterra de Magos	880
Freguesia de Ermidas do Sado	1.853	Freguesia de Murça	960
Freguesia da Erra — Coruche	135	Freguesia da Nazaré	30
Freguesia de Escariz — Arouca	106	Freguesia de Neiva	2.157
Freguesia de Espite — Ourém	218	Freguesia de Nelas	65
Freguesia de Estombar	194	Freguesia de Nogueira	1.903
Freguesia do Estoril — Cascais	1.374	Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada	622
Freguesia de Santo André (Estremoz)	285	Freguesia de Nossa Senhora do Bispo	135
Freguesia de Estremoz-Santa Maria	114	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição-Vila Viçosa	219
Freguesia de Famões — Odivelas	12.616	Freguesia de Nossa Senhora da Expectação	1.242
Freguesia de Fátima — Ourém	392	Freguesia de Nossa Senhora de Fátima — Entroncamento	191
Freguesia de Fazendas de Almeirim — Almeirim	32.922	Freguesia de Nossa Senhora da Graça	130
Freguesia de Fernão Ferro	6.684	Freguesia de Nossa Senhora da Graça Degolados — Campo Maior	293
Freguesia de Ferreira do Alentejo	2.391	Freguesia de Nossa Senhora da Graça do Divor — Évora	106
Freguesia de Ferreiras — Albufeira	1.300	Freguesia de Nossa Senhora de Machede — Évora	180
Freguesia de Figueira dos Cavaleiros — Ferreira do Alentejo	91	Freguesia de Nossa Senhora da Vila — Montemor-o-Novo	1.855
Freguesia de Foros de Arrão — Ponte de Sor	1.260	Freguesia de Odiáxere — Lagos	1.163
Freguesia de Foros de Vale de Figueira — Montemor-o-Novo	1.043	Freguesia de Odivelas — Ferreira do Alentejo	264
Freguesia da Foz do Douro — Porto	2.381	Freguesia de Olhos de Água — Albufeira	60
Freguesia de Fráguas — Rio Maior	531	Freguesia de Olival — Ourém	446
Freguesia da Freixianda	560	Freguesia de Olival Basto — Odivelas	19.367
Freguesia de Fronteira	652	Freguesia de Oliveira de Azeméis	438
Freguesia de Fundada — Vila de Rei	619	Freguesia de Oliveira do Conde — Carregal do Sal	336
Freguesia do Fundão	556	Freguesia da Ota	106
Freguesia da Fuseta — Olhão	2.109	Freguesia de Outeiro — Viana do Castelo	259
Freguesia de Gafanha da Encarnação	309	Freguesia de Ovar	1.912
Freguesia de Gafanha da Nazaré — Ílhavo	140	Freguesia de Paço de Arcos — Oeiras	120
Freguesia do Gaio-Rosário — Moita	235	Freguesia de Palhais — Barreiro	936
Freguesia de Galveias — Ponte Sor	2.574	Freguesia de Pampilhosa da Serra	190
Freguesia de Gâmbia-Pontes-Alto Guerra	1.603	Freguesia da Parede	19.439
Freguesiade Glória do Ribatejo — Salvaterra de Magos	10.184	Freguesia de Pegões — Montijo	138
Freguesia de Góis	532	Freguesia de Penafiel	979
Freguesia de Golães	325	Freguesia de Pera — Silves	1.611
Freguesia de Golegã	180	Freguesia de Peroguarda — Ferreira do Alentejo	118
Freguesia de Gondomar — São Cosme	21.570	Freguesia de Perosinho — Vila Nova de Gaia	2.838
Freguesia de Grândola	2.737	Freguesia de Pessegueiro do Vouga	635
Freguesia de Granho — Salvaterra de Magos	3.071	Freguesia de Poceirão — Palmela	585
Freguesia da Guia	394	Freguesia de Ponta Garça — Vila Franca do Campo	950
Freguesia de Guifões	539	Freguesia de Ponte	131
Freguesia de Gulpilhares — Vila Nova de Gaia	943	Freguesia de Ponte de Sor	66
Freguesia de Ílhavo	826	Freguesia de Pontével — Cartaxo	677
Freguesia de Juncal do Campo	211		

Entidade	Euros	Entidade	Euros
Freguesia de Portimão	2.172	Freguesia de São José — Ponta Delgada	2.135
Freguesia de Porto Covo	1.737	Freguesia de São Lourenço — Azeitão	3.056
Freguesia de Porto Mós-São Pedro	319	Freguesia de São Lourenço de Mamporcão — Estremoz	220
Freguesia da Póvoa de Lanhoso	292	Freguesia de São Marcos da Serra — Silves	2.292
Freguesia de Póvoa de São Miguel	746	Freguesia de São Martinho — Alcácer do Sal	125
Freguesia de Póvoa de Varzim	1.862	Freguesia de São Martinho do Bispo	2.448
Freguesia de Praia do Ribatejo — Vila Nova da Barquinha	1.189	Freguesia de São Martinho do Campo — Santo Tirso	231
Freguesia dos Prazeres — Lisboa	2.835	Freguesia de São Pedro — Ponta Delgada	144
Freguesia do Prior Velho — Loures	11.569	Freguesia de São Pedro de Castelões — Vale de Cambra	2.903
Freguesia de Proença-a-Nova	1.324	Freguesia de São Pedro do Sul	2.531
Freguesia de Pussos	90	Freguesia de São Sebastião — Loulé	90
Freguesia de Quarteira — Loulé	2.932	Freguesia de São Teotónio — Odemira	10.687
Freguesia de Queluz — Sintra	2.674	Freguesia de São Torcato	122
Freguesia de Reguengos de Monsaraz	1.305	Freguesia de São Vicente da Beira	1.205
Freguesia de Ribeira de Pena — Salvador	221	Freguesia de São Vicente de Fora	62
Freguesia de Ribeirão	483	Freguesia de São Vicente e Ventosa	5.581
Freguesia de Rio Maior	2.418	Freguesia do Seixal — Setúbal	6.064
Freguesia de Rio de Moinhos-Aljustrel	198	Freguesia de Seixas — Caminha	566
Freguesia de Rogil	1.733	Freguesia de Senhorim — Nelas	299
Freguesia de Roriz — Santo Tirso	652	Freguesia de Serra de Santo António — Alcanena	60
Freguesia de Rosário — Almodôvar	236	Freguesia de Sines	2.637
Freguesia de Sabrosa	184	Freguesia de São Pedro de Penaferrim — Sintra	1.274
Freguesia do Sado — Setúbal	814	Freguesia de Sobrado — Valongo	25.399
Freguesia de Safara — Moura	256	Freguesia de Soure	9.372
Freguesia de Salir — Loulé	1.923	Freguesia de Sousel	687
Freguesia de Salvador — Serpa	2.109	Freguesia de Tarouca	2.815
Freguesia de Salvaterra de Magos	165	Freguesia de Terena — São Pedro	297
Freguesia de Samora Correia — Benavente	10.236	Freguesia de Terrugem — Elvas	135
Freguesia de Sandim — Vila Nova de Gaia	2.139	Freguesia de Torrão — Alcácer do Sal	201
Freguesia de Santa Catarina — Caldas da Rainha	35	Freguesia de Triana	1.426
Freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo — Tavira	180	Freguesia de Tunes — Silves	264
Freguesia de Santa Clara-A-Nova	353	Freguesia de Ulme — Chamusca	208
Freguesia de Santa Cruz — Coimbra	770	Freguesia de Valado dos Frades — Nazaré	1.100
Freguesia de Santa Cruz — Santiago do Cacém	311	Freguesia de Valbom — Gondomar	4.369
Freguesia de Santa Cruz — Almodôvar	114	Freguesia de Vale da Amoreira — Moita	231
Freguesia de Santa Eugénia	30	Freguesia da Venteira	5.454
Freguesia de Santa Iria Azóia — Loures	16.027	Freguesia da Ventosa — Moçafaneira	488
Freguesia de Santa Justa — Arraiolos	294	Freguesia da Verderena — Barreiro	1.940
Freguesia de Santa Justa — Lisboa	295	Freguesia de Viade de Baixo — Montalegre	1.010
Freguesia de Santa Luzia — Tavira	104	Freguesia de Vialonga — Vila Franca de Xira	6.489
Freguesia de Santa Maria — Serpa	486	Freguesia de Viana do Alentejo	3.135
Freguesia de Santa Maria Maior — Chaves	909	Freguesia de Vila Alva — Cuba	1.257
Freguesia de Santa Maria e São Miguel-Sintra	479	Freguesia de Vila Anta	4.312
Freguesia de Santa Marinha do Zêzere — Baião	167	Freguesia de Vila Chã de Ourique — Cartaxo	475
Freguesia de Santa Vitória	402	Freguesia de Vila de Cucujães — Oliveira de Azeméis	603
Freguesia de Santana — Nisa	2.476	Freguesia de Vila Nova de Anha	2.349
Freguesia de Santana de Cambas — Mértola	30	Freguesia de Vila Nova de Baronia	905
Freguesia de Santar — Nelas	1.246	Freguesia de Vila Nova da Barquinha	97
Freguesia de Santiago — Tavira	579	Freguesia de Vila Nova do Ceira — Góis	360
Freguesia de Santiago do Cacém	3.208	Freguesia de Vila Nova da Telha — Maia	113
Freguesia de Santiago do Escoural — Montemor-o-Novo	2.636	Freguesia de Vila da Senhora da Hora	60
Freguesia de Santiago Maior — Beja	406	Freguesia de Vila Verde de Ficalho — Serpa	669
Freguesia de Santiago — Sesimbra	195	Freguesia de Vilar de Andorinho	7.721
Freguesia de Santo António-Capelins	477	Freguesia de Vilar de Ferreiros	803
Freguesia de Santo António da Charneca — Barreiro	2.162	Freguesia de Vilarinho — Lousã	214
Freguesia de Santo António dos Olivais — Coimbra	3.099	Freguesia de Vinhais	167
Freguesia de Santo Estêvão — Benavente	155	Freguesia de Vitorino dos Piães — Ponte de Lima	95
Freguesia de Santo Isidoro	60	Junta Distrital de Vila Real	30
Freguesia de Santo Tirso	4.284	Junta de Freguesia de Abitueiras	360
Freguesia de São Barnabé	108	Junta de Freguesia de Afife	160
Freguesia de São Bartolomeu de Messines — Silves	7.478	Junta de Freguesia de Água d'Alto — Vila Franca do Campo	571
Freguesia de São Brás — Amadora	17.369	Junta de Freguesia de Alcantariha	624
Freguesia de São Brás dos Matos — Alandroal	361	Junta de Freguesia de Aldeia Velha	80
Freguesia de São Brissos — Beja	35	Junta de Freguesia de Alfândega da Fé	243
Freguesia de São Cristóvão — Montemor-o-Novo	158	Junta de Freguesia de Algés — Lisboa	62.470
Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço	688	Junta de Freguesia de Aljezur	210
Freguesia de São Domingos — Santiago do Cacém	598	Junta de Freguesia de Aljustrel	146
Freguesia de São Domingos de Benfica	4.024	Junta de Freguesia de Almeirim	3.117
Freguesia de São Domingos de Rana	4.243	Junta de Freguesia de Alquerubim	187
Freguesia de São Jacinto	2.230	Junta de Freguesia de Alvalade — Santiago do Cacém	1.107
Freguesia de São João Baptista — Campo Maior	412	Junta de Freguesia de Alvega	319
Freguesia de São João Baptista — Entroncamento	180	Junta de Freguesia da Ameixoeira	4.310
Freguesia de São João Baptista — Tomar	351	Junta de Freguesia de Amieira	63
Freguesia de São João de Deus	432	Junta de Freguesia de Anobra	377
Freguesia de São João de Negrilhos — Aljustrel	555	Junta de Freguesia de Arcos — Estremoz	45
Freguesia de São João da Talha — Loures	4.349		

Entidade	Euros	Entidade	Euros
Junta de Freguesia de Arnoia	35	Junta de Freguesia de Odeceixe	180
Junta de Freguesia de Arranhó	301	Junta de Freguesia de Odeleite	165
Junta de Freguesia de Arrifes	1.359	Junta de Freguesia de Oiã	90
Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos	60	Junta de Freguesia de Orada	190
Junta de Freguesia de Assentiz	300	Junta de Freguesia de Paços	30
Junta de Freguesia de Atei	170	Junta de Freguesia de Paços de Ferreira	64
Junta de Freguesia de Aves — Santo Tirso	60	Junta de Freguesia de Paderne	813
Junta de Freguesia de Azinhal	65	Junta de Freguesia de Paredes de Coura	70
Junta de Freguesia de Bairo	81	Junta de Freguesia de Parreira	1.032
Junta de Freguesia de Belas	7.922	Junta de Freguesia de Pechão	95
Junta de Freguesia de Benafim — Loulé	456	Junta de Freguesia de Pedreira	90
Junta de Freguesia de Brinches	1.084	Junta de Freguesia de Pedrógão Grande	48
Junta de Freguesia de Budens	136	Junta de Freguesia de Penacova	75
Junta de Freguesia do Cabeção — Mora	224	Junta de Freguesia de Perais	938
Junta de Freguesia de Cabeço de Vide	4.759	Junta de Freguesia de Perre	187
Junta de Freguesia de Cabrela	30	Junta de Freguesia de Peso da Régua	3.367
Junta de Freguesia de Cacia	30	Junta de Freguesia de Pias	4.271
Junta de Freguesia de Campos	100	Junta de Freguesia de Piedade	497
Junta de Freguesia de Castanheira de Pera	35	Junta de Freguesia de Poiares de Santo André	897
Junta de Freguesia de Castro Daire	1.064	Junta de Freguesia de Pombal	149
Junta de Freguesia de Cedofeita	13.324	Junta de Freguesia de Pombeiro da Beira	30
Junta de Freguesia de Cercal do Alentejo — Santiago do Cacém	12.863	Junta de Freguesia de Ponta Delgada — Flores	24
Junta de Freguesia de Chafé	249	Junta de Freguesia de Portuzelo	899
Junta de Freguesia da Charneca	1.028	Junta de Freguesia de Povoação	299
Junta de Freguesia de Chouto	166	Junta de Freguesia de Querença	896
Junta de Freguesia de Comenda	276	Junta de Freguesia de Raposa	120
Junta de Freguesia de Corroios	6.246	Junta de Freguesia de Rebordões	182
Junta de Freguesia de Cortes do Meio	308	Junta de Freguesia de Recardães	232
Junta de Freguesia de Corval	90	Junta de Freguesia de Refojos	242
Junta de Freguesia de Covas	168	Junta de Freguesia de Riachos	1.160
Junta de Freguesia de Creixomil	508	Junta de Freguesia de Rio de Moinhos — Borba	180
Junta de Freguesia de Cuba	179	Junta de Freguesia de Sagres	90
Junta de Freguesia de Ega	312	Junta de Freguesia de Sangalhos	30
Junta de Freguesia de Ermesinde	465	Junta de Freguesia de Santa Cruz das Flores	430
Junta de Freguesia de Ervidel	1.223	Junta de Freguesia de Santa Iria da Ribeira de Santarém	306
Junta de Freguesia de Escalos de Cima	60	Junta de Freguesia de Santa Maria do Castelo — Alcácer do Sal	365
Junta de Freguesia de Escapães	121	Junta de Freguesia de Santa Maria — Covilhã	372
Junta de Freguesia de Esmoriz	90	Junta de Freguesia de Santa Maria dos Olivais — Tomar	255
Junta de Freguesia de Espírito Santo	676	Junta de Freguesia de Santiago da Guarda	100
Junta de Freguesia de Estreito	163	Junta de Freguesia de Santo André das Tojeiras	30
Junta de Freguesia de Evoramonte	181	Junta de Freguesia de Santo Ildefonso	21.149
Junta de Freguesia de Fajão	70	Junta de Freguesia de São Bento do Ameixial	30
Junta de Freguesia de Fajões	105	Junta de Freguesia de São Bento do Cortiço	60
Junta de Freguesia de Fermelã	30	Junta de Freguesia de São Brás de Alportel	2.274
Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendais	100	Junta de Freguesia de São Clemente	239
Junta de Freguesia de Fradelos	583	Junta de Freguesia de São Gregório — Arraiolos	45
Junta de Freguesia de Garvão	163	Junta de Freguesia de São João das Lampas	775
Junta de Freguesia de Gavião	924	Junta de Freguesia de São Jorge de Arroios	1.222
Junta de Freguesia de Gião	30	Junta de Freguesia de São José da Lamarosa	993
Junta de Freguesia de Gomes Aires	3.105	Junta de Freguesia de São Mamede — Fátima	30
Junta de Freguesia de Graça	215	Junta de Freguesia de São Mamede de Infesta	1.801
Junta de Freguesia de Igreja Nova — Arraiolos	110	Junta de Freguesia de São Miguel do Pinheiro	120
Junta de Freguesia de Ladoeiro	1.264	Junta de Freguesia de São Miguel — Vila Franca do Campo	666
Junta de Freguesia de Lavre	1.333	Junta de Freguesia de São Pedro — Faro	212
Junta de Freguesia de Lordelo do Ouro	5.867	Junta de Freguesia de São Pedro — Figueira da Foz	316
Junta de Freguesia de Louriçal do Campo	117	Junta de Freguesia de São Sebastião — Ponta Delgada	303
Junta de Freguesia de Mação	4.546	Junta de Freguesia de São Sebastião dos Carros	294
Junta de Freguesia de Maceda	317	Junta de Freguesia de São Sebastião da Giesteira	500
Junta de Freguesia de Macedo de Cavaleiros	214	Junta de Freguesia de São Vicente Pigeiro	90
Junta de Freguesia de Maceira	55	Junta de Freguesia de Sarilhos Pequenos	210
Junta de Freguesia de Maçussa	201	Junta de Freguesia de Sarnadas de Ródão	120
Junta de Freguesia de Maiorga	223	Junta de Freguesia da Sé — Porto	10.482
Junta de Freguesia de Marinhais	285	Junta de Freguesia de Sendim	90
Junta de Freguesia de Meimão	70	Junta de Freguesia da Senhora da Graça de Padrões	302
Junta de Freguesia de Mexilhoeira Grande	2.574	Junta de Freguesia das Silveiras	146
Junta de Freguesia de Miranda do Corvo	262	Junta de Freguesia de Silves	1.000
Junta de Freguesia de Mondim de Basto	30	Junta de Freguesia de Soalheira	93
Junta de Freguesia de Monsanto — Alcanena	353	Junta de Freguesia de Sobreira Formosa	75
Junta de Freguesia de Monsaraz	3.346	Junta de Freguesia de Souto da Casa	1.294
Junta de Freguesia de Monte Redondo	237	Junta de Freguesia de Talhadas	965
Junta de Freguesia de Moreira	678	Junta de Freguesia de Tavadre	6.916
Junta de Freguesia de Moreira do Rei — Fafe	106	Junta de Freguesia de Tramaga — Ponte de Sor	93
Junta de Freguesia de Mourão	431	Junta de Freguesia de Travancinha	260
Junta de Freguesia de São Tomé de Negrelos	160	Junta de Freguesia do Troviscal	123
Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima	350	Junta de Freguesia de Valada	327

Entidade	Euros	Entidade	Euros
Junta de Freguesia de Vale de Água	108	Município de Caminha	37.180
Junta de Freguesia de Vale Vargo	946	Município de Campo Maior	42.902
Junta de Freguesia de Veiros — Estremoz	176	Município de Cantanhede	127.966
Junta de Freguesia de Venade	391	Município de Carrazeda de Ansiães	38.309
Junta de Freguesia de Vera Cruz — Portel	65	Município de Carregal do Sal	31.210
Junta de Freguesia de Vila de Lazarim	77	Município do Cartaxo	147.449
Junta de Freguesia de Vila Nova de São Bento	1.067	Município de Cascais	484.451
Junta de Freguesia de Vila Nova de São Pedro — Azambuja	368	Município de Castanheira de Pera	25.764
Junta de Freguesia de Vila de Rei	1.444	Município de Castelo Branco	135.409
Junta de Freguesia de Vila Ruiva	1.163	Município de Castelo de Paiva	85.876
Junta de Freguesia de Vila Viçosa	180	Município de Castelo de Vide	48.426
Junta de Freguesia de Vimieiro	156	Município de Castro Daire	46.537
Junta de Freguesia de Vinha Rainha	264	Município de Castro Marim	53.980
Junta de Turismo das Caldas do Moledo	2.078	Município de Castro Verde	72.971
Junta de Turismo da Costa do Estoril	1.088	Município de Celorico de Basto	67.251
Junta de Turismo da Curia	397	Município de Celorico de Beira	78.537
Junta de Turismo da Ericeira	204	Município da Chamusca	53.296
Junta de Turismo de Luso e Buçaco	331	Município de Chaves	168.939
Junta de Turismo de Monfortinho	60	Município de Cinfães	22.210
Município de Abrantes	184.613	Município de Coimbra	629.917
Município de Águeda	133.256	Município de Condeixa-a-Nova	59.057
Município de Aguiar da Beira	43.719	Município de Constância	29.699
Município do Alandroal	34.927	Município de Coruche	82.568
Município de Albergaria-a-Velha	59.715	Município do Corvo	14.237
Município de Albufeira	265.878	Município de Covilhã	216.267
Município de Alcácer do Sal	82.471	Município do Crato	42.292
Município de Alcanena	63.970	Município de Cuba	54.928
Município de Alcobaca	85.885	Município de Elvas	80.012
Município de Alcochete	72.396	Município do Entroncamento	99.084
Município de Alcoutim	43.661	Município de Espinho	119.085
Município de Alenquer	121.974	Município de Esposende	60.891
Município de Alfândega da Fé	39.171	Município de Estarreja	71.025
Município de Alijó	70.284	Município de Estremoz	40.722
Município de Aljezur	47.381	Município de Évora	262.695
Município de Aljustrel	31.098	Município de Fafe	66.625
Município de Almada	422.876	Município de Faro	185.738
Município de Almeida	36.188	Município de Felgueiras	92.574
Município de Almeirim	85.928	Município de Ferreira do Alentejo	55.066
Município de Almodôvar	71.426	Município de Ferreira do Zêzere	40.581
Município de Alpiarça	45.449	Município de Figueira de Castelo Rodrigo	23.732
Município de Alter do Chão	65.741	Município da Figueira da Foz	269.698
Município de Alvaiázere	34.491	Município de Figueiró dos Vinhos	26.980
Município de Alvão	27.859	Município de Fornos de Algodres	35.366
Município da Amadora	384.226	Município de Freixo de Espada à Cinta	44.205
Município de Amarante	105.248	Município de Fronteira	26.959
Município de Amares	14.526	Município do Fundão	121.388
Município de Anadia	79.193	Município do Gavião	33.897
Município de Angra do Heroísmo	105.591	Município de Góis	42.498
Município de Ansião	32.740	Município de Golegã	20.598
Município de Arcos de Valdevez	46.388	Município de Gondomar	252.162
Município de Arganil	69.919	Município de Gouveia	55.779
Município de Armamar	25.129	Município de Grândola	105.006
Município de Arouca	58.677	Município da Guarda	142.357
Município de Arraiolos	45.635	Município de Guimarães	231.749
Município de Arronches	31.083	Município da Horta	191.955
Município de Arruda dos Vinhos	153.325	Município de Idanha-a-Nova	64.448
Município de Aveiro	167.105	Município de Ílhavo	127.701
Município de Avis	44.043	Município da Lagoa	129.124
Município de Azambuja	73.567	Município da Lagoa — Açores	70.800
Município de Baião	89.792	Município de Lagos	169.904
Município de Barcelos	145.131	Município de Lajes das Flores	33.963
Município de Barrancos	19.868	Município de Lajes do Pico	27.231
Município do Barreiro	288.719	Município de Lamego	85.631
Município de Batalha	16.524	Município de Leiria	252.141
Município de Beja	157.694	Município de Lisboa — Departamento de Gestão de Recursos Humanos	2.688.956
Município de Belmonte	31.316	Município de Loulé	278.600
Município de Benavente	136.746	Município de Loures	458.409
Município do Bombarral	61.340	Município de Lourinhã	97.030
Município de Borba	70.319	Município da Lousã	193.733
Município de Boticas	30.455	Município da Lousada	45.063
Município de Braga	251.371	Município de Mação	79.232
Município de Bragança	218.041	Município de Macedo dos Cavaleiros	69.209
Município de Cabeceiras de Basto	42.712	Município da Madalena	80.142
Município do Cadaval	68.686	Município de Mafra	207.266
Município das Caldas da Rainha	153.754	Município da Maia	311.089
Município de Calheta — São Jorge	57.610		

Entidade	Euros	Entidade	Euros
Município de Mangualde	111.612	Município de Povoação	34.054
Município de Manteigas	24.825	Município da Praia da Vitória	68.819
Município de Marco de Canaveses	78.921	Município de Proença-a-Nova	50.602
Município da Marinha Grande	53.963	Município do Redondo	45.189
Município de Marvão	31.974	Município de Reguengos de Monsaraz	48.522
Município de Matosinhos	461.992	Município de Resende	50.451
Município da Mealhada	81.114	Município de Ribeira Grande	128.317
Município de Meda	37.960	Município de Ribeira de Pena	24.561
Município de Melgaço	53.504	Município de Rio Maior	94.987
Município de Mértola	89.646	Município de Sabrosa	40.437
Município de Mesão Frio	49.147	Município do Sabugal	48.843
Município de Mira	75.147	Município de Salvaterra de Magos	61.589
Município de Miranda do Corvo	35.643	Município de Santa Comba Dão	56.242
Município de Miranda do Douro	65.733	Município de Santa Cruz das Flores	22.898
Município de Mirandela	142.544	Município de Santa Cruz da Graciosa	18.727
Município de Mogadouro	51.011	Município de Santa Maria da Feira	214.433
Município de Moimenta da Beira	40.849	Município de Santa Marta de Penaguião	34.578
Município da Moita	317.514	Município de Santarém	234.924
Município de Monção	43.017	Município de Santiago do Cacém	159.719
Município de Monchique	47.497	Município de Santo Tirso	82.005
Município de Mondim de Basto	41.546	Município de São Brás de Alportel	24.761
Município de Monforte	55.488	Município de São João da Madeira	89.920
Município de Montalegre	35.060	Município de São João da Pesqueira	14.435
Município de Montemor-o-Novo	145.090	Município de São Pedro do Sul	92.840
Município de Montemor-o-Velho	69.562	Município de São Roque do Pico	59.208
Município de Montijo	193.996	Município de Sardoal	43.968
Município de Mora	35.864	Município de Sátão	32.071
Município de Mortágua	27.292	Município de Seia	110.281
Município de Moura	71.400	Município do Seixal	325.126
Município de Mourão	36.939	Município de Sernancelhe	29.166
Município de Murça	34.294	Município de Serpa	72.994
Município de Murtosa	107.194	Município de Sertã	44.891
Município de Nazaré	117.280	Município de Sesimbra	194.202
Município de Nelas	98.115	Município de Setúbal	468.275
Município de Nisa	91.717	Município de Sever do Vouga	61.422
Município de Nordeste	32.607	Município de Silves	136.112
Município de Óbidos	60.156	Município de Sines	104.504
Município de Odemira	164.454	Município de Sintra	739.632
Município de Odivelas	288.055	Município de Sobral de Monte Agraço	54.247
Município de Oeiras	481.411	Município de Soure	80.644
Município de Oleiros	46.071	Município de Sousel	22.271
Município de Olhão	102.475	Município de Tábua	73.211
Município de Oliveira de Azeméis	174.187	Município de Tabuaço	28.127
Município de Oliveira do Bairro	48.211	Município de Tarouca	42.941
Município de Oliveira de Frades	44.554	Município de Tavira	100.500
Município de Oliveira do Hospital	58.692	Município de Terras de Bouro	51.171
Município de Ourém	102.937	Município de Tomar	150.769
Município de Ourique	66.852	Município de Tondela	75.019
Município de Ovar	111.033	Município de Torre de Moncorvo	64.028
Município de Paços de Ferreira	41.551	Município de Torres Novas	184.379
Município de Palmela	271.132	Município de Torres Vedras	264.801
Município de Pampilhosa da Serra	22.439	Município de Trancoso	31.224
Município de Paredes	89.943	Município da Trofa	34.508
Município de Paredes de Coura	21.135	Município de Vagos	37.341
Município de Pedrógão Grande	21.886	Município de Vale de Cambra	53.809
Município de Penacova	47.879	Município de Valença	43.329
Município de Penafiel	170.158	Município de Valongo	253.933
Município de Penalva do Castelo	57.968	Município de Valpaços	49.179
Município de Penamacor	22.734	Município de Velas	32.297
Município de Penedono	52.569	Município de Vendas Novas	39.260
Município de Penela	42.948	Município de Viana do Alentejo	57.830
Município de Peniche	100.282	Município de Viana do Castelo	154.297
Município de Peso da Régua	56.582	Município de Vidigueira	53.885
Município de Pinhel	42.702	Município de Vieira do Minho	21.064
Município do Pombal	144.632	Município de Vila do Bispo	54.900
Município de Ponta Delgada	331.256	Município de Vila do Conde	214.611
Município de Ponte da Barca	54.206	Município de Vila Flor	66.034
Município de Ponte de Lima	63.949	Município de Vila Franca do Campo	76.413
Município de Ponte de Sor	73.678	Município de Vila Franca de Xira	232.018
Município de Portalegre	129.121	Município de Vila Nova de Barquinha	42.091
Município de Portel	57.405	Município de Vila Nova de Cerveira	38.692
Município de Portimão	229.751	Município de Vila Nova de Famalicão	193.209
Município do Porto	1.086.014	Município de Vila Nova de Foz Coa	27.944
Município de Porto de Mós	66.089	Município de Vila Nova de Gaia	354.271
Município da Póvoa do Lanhoso	31.560	Município de Vila Nova de Paiva	19.231
Município da Póvoa de Varzim	294.639	Município de Vila Nova de Poiares	72.803

**MINISTÉRIOS DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
E DA ECONOMIA E DO EMPREGO**
Portaria n.º 44/2012
de 13 de fevereiro

A Diretiva n.º 2006/22/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, relativa a exigências mínimas no que respeita à execução dos Regulamentos (CEE) n.º 3820/85, do Conselho, de 20 de dezembro, e (CEE) n.º 3821/85, do Conselho, de 20 de dezembro, em matéria de disposições sociais no domínio das atividades de transporte rodoviário, impõe aos Estados membros o aperfeiçoamento dos controlos periódicos, em estrada e nas instalações das empresas, relativamente ao cumprimento das regras sobre tempos de condução, pausas e períodos de repouso dos condutores, bem como sobre a instalação e uso dos aparelhos de controlo.

Nesse sentido, foi publicado o Decreto-Lei n.º 169/2009, de 31 de julho, que institui o regime contraordenacional aplicável ao incumprimento das regras relativas à instalação e uso do tacógrafo, estabelecidas no Regulamento (CEE) n.º 3821/85, do Conselho, de 20 de dezembro, alterado pelo Regulamento (CE) n.º 2135/98, do Conselho, de 24 de setembro, e pelo Regulamento (CE) n.º 561/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, dando execução ao disposto no artigo 19.º deste Regulamento, na parte relativa às condições de uso do tacógrafo.

Por sua vez a Lei n.º 27/2010, de 30 de agosto, que transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 2006/22/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, alterada pelas Diretivas n.ºs 2009/4/CE, da Comissão, de 23 de janeiro, e 2009/5/CE, da Comissão, de 30 de janeiro, estabelece o regime sancionatório aplicável à violação das normas respeitantes aos tempos de condução, pausas e tempos de repouso e ao controlo da utilização de tacógrafos, na atividade de transporte rodoviário, constantes do Regulamento (CE) n.º 561/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março.

A Diretiva n.º 2006/22/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, e a Lei n.º 27/2010, de 30 de agosto, que a transpõem, determinam respetivamente nos artigos 9.º e 7.º a adoção pelos Estados membros de um sistema de classificação dos riscos, no que respeita às empresas, determinado em função do número e da gravidade das infrações por elas cometidas, em violação das disposições dos citados regulamentos comunitários.

O anexo III da mencionada Diretiva, entretanto alterado pela Diretiva n.º 2009/5/CE, da Comissão, de 30 de janeiro, contém orientações sobre a tipologia comum de infrações aos Regulamentos (CE) n.º 561/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, e (CEE) n.º 3821/85, divididas por categorias segundo a respetiva gravidade.

A presente portaria visa regulamentar o mencionado artigo 7.º da Lei n.º 27/2010, de 30 de agosto, no sentido de estabelecer um sistema de classificação de riscos, que deverá determinar o grau de risco das empresas, tendo em consideração o número e a gravidade das infrações cometidas pelas empresas, de acordo com a regulamentação comunitária sobre a matéria.

Entidade	Euros
Município de Vila do Porto	104.836
Município de Vila Pouca de Aguiar	60.088
Município de Vila Real	103.952
Município de Vila Real de Santo António	94.695
Município de Vila de Rei	26.282
Município de Vila Velha de Ródão	15.749
Município de Vila Verde	102.595
Município de Vila Viçosa	73.239
Município de Vimioso	44.875
Município de Vinhais	83.407
Município de Viseu	210.693
Município de Vizela	31.468
Município de Vouzela	56.534
Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa	198.492
Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto	31.625
Serviços Municipalizados de Água e Eletricidade e Saneamento de Santo Tirso	555
Serviços Municipalizados de Água e Eletricidade e Saneamento de Valongo	12.742
Serviços Municipalizados de Água de Mirandela	12.373
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Águeda	20.955
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Alameda	155.200
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal das Caldas da Rainha	31.020
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Leiria	59.334
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Loures	401.487
Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento de Matosinhos	30.436
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Município do Montijo	17.970
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Oeiras e Amadora	143.847
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Porto	575
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Sintra	157.771
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Vila Franca de Xira	56.751
Serviços Municipalizados de Águas e Transportes da Câmara Municipal de Portalegre	41.634
Serviços Municipalizados de Águas e Eletricidade da Câmara Municipal de Tomar	20.070
Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Ovar	25.715
Serviços Municipalizados de Albergaria-a-Velha	9.406
Serviços Municipalizados de Alcobaça	51.788
Serviços Municipalizados de Anadia	19.736
Serviços Municipalizados de Angra do Heroísmo	106.290
Serviços Municipalizados de Aveiro	86.190
Serviços Municipalizados de Braga	81
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Abrantes	45.642
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal Concelho Nazaré	11.820
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal da Guarda	25.565
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Peniche	22.970
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Setúbal	5.113
Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Torres Vedras	95.916
Serviços Municipalizados de Castelo Branco	38.214
Serviços Municipalizados de Eletricidade, Águas e Saneamento da Câmara Municipal da Maia	54.043
Serviços Municipalizados de Ponta Delgada	103.440
Serviços Municipalizados de Saneamento Básico de Viana do Castelo	73.892
Serviços Municipalizados de Santarém	16.945
Serviços Municipalizados dos Transportes Coletivos do Barreiro	52.040
Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra	174.108
Serviços Municipalizados de Viseu	85.211
Vale-e-Mar — Comunidade Urbana	60